

Ministério

JUL-AGO · 2021

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 17,13



MARCADOS PELO SOFRIMENTO

O que fazer para consolar os membros da igreja diante de tantas tristezas

O crescimento da igreja no período apostólico + As hermenêuticas alternativas e suas implicações para a igreja
O ministério e o relacionamento com os filhos + 90 anos do projeto Luzeiro + Evangelismo urbano no tempo do fim



MKT CPB | JoCard



Mutirão de Assinaturas

da Lição da Escola Sabatina



projetomana.com

8h às 20h

Horário de Brasília

UNEB - ULB
15/8/2021

UNOB - UNB
29/8/2021

UCOB - USEB
22/8/2021

USB - UCB
3/10/2021

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o aplicativo CPB



/cpbeditora



10

10 **Atenção e sensibilidade**
Nikolaus Satekmajer
Como ministrar a corações feridos

13 **No poder do Espírito**
Érico Tadeu Xavier
Lições do cristianismo apostólico para o crescimento da igreja

16 **Novas leituras**
Carlos Flávio Teixeira
As hermenêuticas alternativas e suas implicações para a igreja

20 **A construção de um legado**
Matheus Marques Köhler
Reflexões sobre o equilíbrio entre o ministério e o relacionamento com os filhos

23 **Luzeiros na selva**
Gisele Calisto e Ronivon Santos
Maior projeto fluvial da Igreja Adventista no mundo completa 90 anos de serviço à comunidade

28 **Missão urbana, missão presente**
Walter Alaña
A evangelização das cidades como estratégia-chave para a pregação adventista



20

5 Editorial
7 Entrelinhas
8 Entrevista
26 Ponto a ponto
32 Dicas de leitura
35 Palavra final



23

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 93 – Número 556 – Jul/Ago 2021
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Ira_qiwi / Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Evaldino Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 83,30
Exemplar Avulso: R\$ 17,13



abp
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



LÁGRIMAS DIVINAS

A pandemia da Covid-19 está deixando um rastro inesquecível para todos nós. Perdemos familiares, amigos, colegas de ministério, membros de igreja e conhecidos da comunidade. Por mais que tentemos ser fortes e consolar os enlutados, tem sido difícil segurar as lágrimas diante de tamanho sofrimento. Em momentos como esses, é consolador lembrar o menor verso da Bíblia: “Jesus chorou” (Jo 11:35). E tão importante quanto lembrá-lo é refletir sobre ele.

A história narrada em João 11 é muito conhecida. Lázaro, bom amigo de Jesus, ficou doente. A Bíblia não descreve qual teria sido essa enfermidade, mas ao que tudo indica, ela evoluiu rapidamente e, em pouco tempo, causou a morte de Lázaro. Enquanto ele lutava pela vida, suas irmãs Marta e Maria enviaram uma mensagem a Jesus: “Aquele que o Senhor ama está doente” (v. 3). Aliás, esse é um detalhe que chama atenção no texto. João reforçou essa percepção das irmãs de Betânia ao dizer que “Jesus amava Marta e a irmã dela, e também Lázaro” (v. 5).

Apesar disso, o Mestre “ainda se demorou dois dias no lugar onde estava” (v. 6) e, quando chegou a Betânia, Lázaro já estava sepultado havia quatro dias (v. 17). Ao se encontrar com Marta e Maria, Jesus se deparou com mulheres dilaceradas pelo luto, marcadas pela frustração, mas ainda com alguma ponta de esperança. Conforme disse Marta: “Eu sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia” (v. 24). Ela não conseguia imaginar que o aparente atraso de Cristo era parte de um plano no qual “a glória de Deus” seria manifestada (v. 4).

O choro das irmãs de Lázaro e dos judeus que o acompanhavam mexeu com as emoções do Mestre. Comovido, Ele foi até o local do sepultamento. Diante do túmulo onde repousava o corpo de Seu amigo “Jesus chorou”. Seu choro, no entanto, não se assemelhava ao das pessoas que O cercavam. Ao descrever a cena, João usou um verbo encontrado somente nesse verso em todo o Novo Testamento, *dakryō*, um choro contido, discreto, oposto à expressão ruidosa da comitiva que estava com Ele.

Se somos parte do corpo de Cristo na Terra, então nossas lágrimas devem demonstrar os mesmos sentimentos que Ele nutre por nós.

O Senhor da vida, o Filho de Deus, chorou diante da perda de alguém a quem amava. Antes de ser glorificado por meio da morte de Lázaro (v. 4), o Filho do Homem demonstrou Sua completa identificação com a humanidade por meio de um dos símbolos de sua fragilidade: as lágrimas. Ele não se constrangeu em sofrer com os que sofrem e chorar com os que choram. Sua simpatia e compaixão por aquela família enlutada eram demonstradas não somente por Sua presença, mas também por Seu pranto.

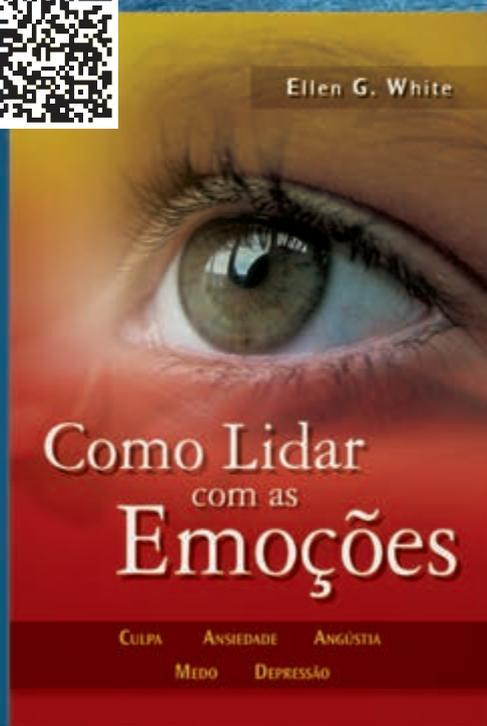
Além disso, o choro de Cristo representava Sua tristeza pelo sofrimento que o pecado causa nos seres humanos desde a queda. Ele não se limitou a pensar em Seus amigos, até porque em poucos minutos a tristeza se transformaria em alegria, mas considerava a aflição a que todos estão sujeitos. Era algo que transcendia a aldeia de Betânia e incluía toda dor e sofrimento experimentados pela humanidade.

Mas as lágrimas de Jesus não significavam somente compaixão e tristeza. Expressavam também Sua angústia por conta da falta de compreensão das pessoas a respeito de Sua identidade. Elas estavam diante do Salvador do mundo e, ainda assim, duvidavam de Seu poder. Mais do que isso, entre as testemunhas do milagre que Ele estava a ponto de realizar, havia pessoas que saíam dali para colaborar na trama que O levaria ao Calvário (v. 46-53).

De que maneira nossas lágrimas nesse período de pandemia refletem as lágrimas de Jesus? Elas expressam simpatia e compaixão pelos aflitos? Representam tristeza pelas consequências do pecado que atingem todas as pessoas? Manifestam a angústia por aqueles que ainda não conhecem Jesus e até mesmo zombam Dele? Se somos parte do corpo de Cristo na Terra, então nossas lágrimas devem demonstrar os mesmos sentimentos que Ele nutre por nós. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério



O momento em que vivemos é difícil, mas é possível superá-lo. Nestes livros você encontrará recursos para lidar com a tristeza e ajudar as pessoas a viver com *esperança.*

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o aplicativo CPB



/cpbeditora

TEMPOS DIFÍCEIS

De acordo com o Centro de Prevenção e Controle de Doenças dos Estados Unidos, entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021, a porcentagem de adultos com sintomas recentes de ansiedade ou transtorno depressivo aumentou de 36,4% para 41,5%. Os dados, confesso, me causam preocupação, não somente por representar uma parcela significativa de pessoas, mas porque talvez nossos esforços para ajudá-las estejam muito aquém do ideal.

Isso parece ser corroborado por uma pesquisa da LifeWay Research, que avaliou o suporte pastoral a famílias que perderam um ente querido vitimado por suicídio. De acordo com os entrevistados, apenas 4% deles receberam o apoio de que necessitavam dos líderes da igreja. Você percebeu quão perto devemos ficar das pessoas?

Para nós, cuidar de alguém nestes tempos difíceis deve ser uma prioridade. Devemos pensar mais na pessoa do que na multidão. Nossa atenção deve ser direcionada para o indivíduo. Ficar perto das pessoas em seus momentos desafiadores e dizer para elas o quanto representam para nós tem um significado muito profundo. Em momentos de crise, podemos reafirmar o verdadeiro valor que a pessoa tem para nós.

O apóstolo Pedro entendeu o quanto uma pessoa se sente importante quando é pastoreada. Ele nunca se esqueceu de quando o Senhor Jesus Cristo foi à sua casa e curou sua sogra, que estava muito doente (Lc 4:38, 39). Também jamais se esqueceu das palavras restauradoras de Jesus: "Pastoreie as Minhas ovelhas" (Jo 21:16). Nos momentos mais angustiantes, Cristo sempre esteve com ele. Que exemplo temos para imitar em nossos dias!

As palavras do Mestre ecoaram na mente de Pedro quando ele escreveu: "Pastoreiem o rebanho de Deus que há entre vocês, não por obrigação, mas espontaneamente, como Deus quer; não por ganância, mas de boa vontade" (1Pe 5:2). É bom

Em momentos difíceis, uma pessoa necessita mais de um pastor com o coração paciente para ouvi-la do que de um orador eloquente.

lembrar que Pedro estava escrevendo para uma igreja que vivia uma grande perseguição, vítima de calúnia e insultos (1Pe 1:7; 2:12; 3:14; 4:12, 14). Tudo isso era motivo de desânimo.

Mas foi nesse contexto que o apóstolo orientou os pastores a pastorear o rebanho de Deus. O que ele estava dizendo era: Pastores, a igreja do Senhor está passando por momentos complicados e precisa muito de vocês. Priorizem o rebanho, cuidando dele e atendendo suas necessidades. Não se esqueçam de que o lugar mais seguro para a ovelha é ficar ao lado de seu pastor.

Prezados colegas, não nos esqueçamos de que ser pastor significa se sacrificar pelo rebanho. Lembremos de que em momentos difíceis, uma pessoa necessita mais de um pastor com o coração paciente para ouvi-la do que de um orador eloquente.

Ao escrever sobre o bom pastor, Ellen White afirmou: "O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, sacrifica a comodidade. Mediante a pregação da Palavra e o ministério pessoal nos lares do povo, aprende a conhecer-lhes as necessidades, as dores, as provações e, cooperando com Aquele que sabe, por excelência, levar cuidados sobre Si, compartilha de suas aflições, conforta-os nos infortúnios, alivia-lhes a fome d'alma e conquista-lhes o coração para Deus" (*Obreiros Evangélicos*, p. 184). **M**



DANIEL MONTALVAN
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA



As redes sociais se tornaram um ambiente repleto de conteúdo e debates sobre todos os assuntos. Com a pandemia da Covid-19, muitos pastores foram obrigados a se lançar nesse mar de ideias, sendo levados a aprender a navegar de maneira segura e adequada para o avanço do reino de Deus.

Nesta entrevista, o jornalista **Felipe Lemos**, responsável pela assessoria de comunicação da sede sul-americana da Igreja Adventista, fala a respeito das oportunidades e dos desafios que pastores enfrentam ao produzir conteúdo relevante para as mídias sociais.

Quais são as oportunidades para o ministério adventista em uma sociedade cada vez mais digital?

A sociedade digital e seus novos hábitos podem ser encarados como um campo de oportunidades e, claro, de desafios a ser superados. Falando de oportunidades, entendo que há três pontos de destaque para os pastores adventistas.

O primeiro ponto é a possibilidade de estabelecer um diálogo mais rápido e efetivo com as pessoas que assistem aos cultos transmitidos e seguem os perfis de rede social das igrejas locais. Em tempo real, pastores podem compreender como pensam as pessoas e o que mais

lhes chama atenção. Essas informações podem ajudar na elaboração de projetos e programas.

O segundo ponto está relacionado com a chance de estabelecer grupos on-line para estudar a Bíblia, dedicar tempo à oração e desenvolver iniciativas de atendimento social. Embora essa possibilidade já existisse, o contexto da pandemia fez com que esses grupos virtuais se multiplicassem e se tornassem espaços de atendimento pastoral personalizado.

Finalmente, o terceiro ponto é sobre a possibilidade de produzir conteúdos relevantes para públicos cada vez mais específicos. Embora a missão adventista esteja fundamentada na pregação a todas as pessoas, os públicos se comportam de maneira diferente. Assim, precisam ser sensibilizados a partir de uma comunicação idealizada de forma apropriada, com uma abordagem que faça sentido. Não se trata mais de públicos internos e externos, mas de dezenas de subgrupos formados por pessoas de diferentes etnias, classes sociais, regiões, religiões, entre outras características.

Como os pastores podem produzir conteúdos relevantes, que alcancem os membros da igreja e produzam efeito na comunidade em geral?

A fórmula para tornar um conteúdo em algo viral é relativa, mas considerando o comportamento dos usuários, podemos dizer que os materiais publicados em blogs, redes sociais, portais, *podcasts*, transmissões ao vivo ou vídeos gravados em canais na internet devem levar em conta a relevância para o público e observar o tempo certo (*timing*).

Comunicar-se estrategicamente, no caso de pastores ou qualquer pessoa que deseje tornar público o que pensa e faz, é agir de forma inteligente e eficiente.

Se o tema da morte está em alta, pode ser um bom momento para produzir conteúdos que evidenciem o conceito bíblico sobre o estado dos mortos, ressurreição ou milênio. Assim, é preciso avaliar o que dizem as pessoas, o que se busca na internet e até o que influenciadores digitais ou veículos de comunicação estão divulgando.

Ainda há um outro aspecto muito importante. A abordagem dos conteúdos precisa ser pensada com estratégia. Comunicar-se estrategicamente, no caso de pastores ou qualquer pessoa que deseje tornar público o que pensa e faz, é agir de forma inteligente e eficiente. O Espírito Santo atua por intermédio das pessoas e as faz atuar de forma consciente para pregar o evangelho. Não imaginemos que Jesus, Paulo ou os discípulos realizaram seu ministério sem o mínimo de estratégia. Inclusive comunicacional. Por exemplo, Jesus não usou a mesma linguagem para abordar Nicodemos (Jo 3) e a mulher samaritana (Jo 4).

O que é mais adequado, principalmente em manifestações nas redes sociais: apresentar de forma contundente as verdades do evangelho ou silenciar e deixar muito conteúdo de baixa qualidade tomar o espaço?

Paul Argenti, em seu livro *Comunicação Empresarial*, afirma que “os públicos geralmente têm certas percepções sobre uma organização mesmo antes de começar a interagir com ela”. O que ele quer dizer com isso? Que as pessoas formam uma percepção de imagem sobre uma organização, e isso inclui a igreja, a partir do que seus membros e pastores falam e sobre como se expressam.

Portanto, é essencial que um pastor ou demais líderes da igreja, que prezam pela sua imagem e da igreja da qual fazem parte, pensem antes de postar. Reflitam se é imprescindível falar determinado assunto sobre o qual possui pouca informação, a respeito do que nunca estudou profundamente e que, em última instância, pode até gerar frases de efeito, mas pouco conteúdo instrutivo.

Sou favorável a uma comunicação que educa, soma, colabora e constrói. Sei que muitas pessoas apostam em linguagem e posicionamento agressivos nas redes sociais, e até conquistam certo público ávido por batalhas virtuais pontuais e efêmeras, que duram até a próxima discussão infrutífera. A comunicação agressiva, ofensiva e sarcástica forma leitores, espectadores e seguidores com esse mesmo tipo de comportamento. Costuma desfrustrar ou enfraquecer relacionamentos, produzir mágoas

A comunicação pastoral precisa ser estratégica, educativa, bem fundamentada e oferecer suporte efetivo à proclamação do evangelho, assim como está revelado na Bíblia.

e, na minha opinião, não oferece apoio ao avanço do ensino sobre Deus e Sua mensagem revelada na Bíblia.

Não é preciso silenciar, mas falar na forma, no tom e tempo certos. Em alguns assuntos, o silêncio é sinônimo de prudência e bom senso. Sei que alguns pensam de forma contrária, mas é preciso analisar os resultados.

Há princípios, diretrizes, caminhos para se seguir em torno de uma boa comunicação, especialmente quando falamos dos pastores adventistas?

Sim! Além da Bíblia, dos escritos de Ellen White, e aqui destaco o livro *O Outro Poder* (CPB, 2010), do *Manual da Igreja, Guia para Ministros* e os *Regulamentos Eclesiástico-Administrativos*, temos outros materiais.

Recentemente, o departamento de Comunicação da Divisão Sul-Americana, em uma parceria com editores da Casa Publicadora Brasileira e da Asociación Casa Editora Sudamericana e profissionais da Rede Novo Tempo de Comunicação produziram um documento chamado *Princípios Editoriais* (<https://www.adventistas.org/pt/comunicacao/principios-editoriais/>).

É um material que merece ser lido, estudado e discutido em grupo. Basicamente contém quatro seções: introdução contextualizadora, declaração de visão da comunicação adventista, diretrizes para o padrão de conduta de profissionais adventistas de comunicação e uma série de verbetes. Esses verbetes contemplam a visão adventista acerca de temáticas diversas e como preferencialmente devem ser tratadas sob a ótica comunicacional.

Em suma, a comunicação pastoral precisa ser estratégica, educativa, bem fundamentada e oferecer suporte efetivo à proclamação do evangelho, assim como está revelado na Bíblia. Não é maquiagem de informações nem o ato de deixar de falar, mas deve ir muito além de opiniões superficiais. Leva em conta a realidade, a percepção dos públicos sobre a igreja e a sociedade, e a importância de construir diálogos com divergências. Mas sempre em um tom educativo e construtivo. **M**

ATENÇÃO E SENSIBILIDADE

Como ministrar
a corações feridos

Nikolaus Satelmajer



O casal estava ansioso pelo nascimento de seu primeiro filho. O parto foi bem-sucedido, e todos ficaram alegres. Poucos dias depois, pai, mãe, alguns parentes próximos e eu estávamos em um cemitério, olhando para um pequeno caixão. A criança havia morrido. A tristeza tomou o lugar da alegria. O que dizer aos pais? “Confie em Deus, tudo ficará bem”? Li versos

da Bíblia, orei e fiquei com eles. O que você teria dito? O que você teria feito?

Em outra ocasião, uma estudante da Inglaterra veio aos Estados Unidos para fazer uma pós-graduação. Durante o período de Natal, ela foi a Nova York passar as férias com alguns jovens de nossa igreja. Numa noite de sábado, o grupo estava angariando fundos para projetos comunitários,

quando, ao atravessar a rua, ela foi atropelada. Infelizmente, poucas horas depois, a jovem veio a falecer.

Era meu primeiro ano de ministério, e o funeral da jovem era o primeiro que eu oficiava como pastor. Enquanto lia uma passagem bíblica, a mãe aflita, com lágrimas no rosto, aproximou-se e ajoelhou-se ao lado do caixão. Parei de ler e fiquei ao lado dela.

O que dizer para aquela mãe? “Confie em Deus, tudo ficará bem”? Não disse nada, só fiquei ao lado dela. O que você teria feito? Você teria dito algo? Desde aquele dia, sempre que vou a Londres penso naquela jovem. Penso na mãe dela e ainda não tenho nada a dizer. Aceito a realidade de sua morte e espero por sua ressurreição, mas não entendo por que isso aconteceu.

De fato, um pastor não pode escapar da passagem bíblica que proclama: “Deus meu, em Ti confio” (Sl 25:2). O que significa confiar em Deus? Como podemos confiar Nele quando a dor nos oprime? Como encorajamos outros a confiar quando estamos lutando para fazer isso?

Reconheça suas limitações

As palavras são uma ferramenta essencial para os pastores, e muitas vezes nos sentimos compelidos a dizer algo. Como ministramos àqueles que estão passando por uma dor profunda? O que dizemos a eles? Como podemos ajudá-los a confiar em Deus quando Ele parece estar longe? Às vezes podemos sentir necessidade de falar, mesmo quando não devemos. Contudo, é preciso evitar palavras que não ajudarão ou poderão até ferir.

Evite palavras vazias. O livro de Jó começa com uma lista de desastres inacreditáveis. O patriarca ficou arrasado. Ele “passou a falar e amaldiçoou o dia do seu nascimento (Jó 3:1). Em determinado momento, afirmou: “Não tenho descanso, não tenho sossego, não tenho repouso; só tenho inquietação” (v. 26).

Seus amigos sentiram a necessidade de dizer algo. “Qualquer coisa”, eles pensaram, “seria melhor do que o silêncio!” Elifaz, então, começou a falar e, entre outras coisas, disse a Jó: “Pense bem: será que algum inocente já chegou a perecer? E onde os retos foram destruídos?” (Jó 4:7).

Elifaz se sentiu compelido a falar, mas o que ele fez? Suas palavras confortaram Jó? Paul Gibbs escreveu: “Elifaz tenta construir um castelo de consolação para Jó.”¹¹ Entretanto, construiu um castelo de areia

que desmoronou imediatamente. Ou, como Edwin e Margaret Thiele afirmaram, “Elifaz, o protótipo do visitante de hospital que tem boas intenções, mas diz as palavras erradas, espera impacientemente pela chance de contar a Jó por que tudo aconteceu.”¹² Elifaz provavelmente se sentiu melhor porque fez alguma coisa. “Dizer algo”, ele pode ter raciocinado, “era melhor do que o silêncio”. Para Jó, no entanto, as palavras de Elifaz apenas trouxeram mais dor.

O Novo Testamento também ilustra a influência das palavras. A transfiguração, conforme narrada pelos escritores dos evangelhos, foi um acontecimento extraordinário para os três discípulos que estavam com Jesus. Dois deles ficaram sem palavras, mas como Tom Wright traduz, “Pedro precisava dizer alguma coisa” (Mt 17:4, *New Testament for Everyone*). Ou, como Lucas escreveu: “Pedro não sabia o que estava dizendo” (Lc 9:33). Quando estamos com alguém que está passando por uma experiência dolorosa, nossas palavras bem-intencionadas nem sempre ajudam. Quando não sabemos o que dizer, é melhor ficar calado. Se tivermos que falar algo, talvez o mais apropriado seja dizer: “Sinto muito”.

Não diga que você sabe o que as pessoas estão experimentando. Os pastores querem se identificar com a pessoa que está sofrendo ou passando por uma experiência dolorosa. É tentador dizer a ela que passamos por algo semelhante, mas precisamos reconhecer que cada experiência é única. A pessoa pode ter nos contado apenas uma parte da história porque outros detalhes são muito dolorosos ou porque ela não nos conhece bem o suficiente para dizer tudo.

Não tente explicar o que está ocorrendo. Somos tentados a querer explicar por que algo aconteceu ou alguém está passando por grandes desafios pessoais. O que você diria aos pais de uma criança que nasceu com graves problemas de saúde? Ou o que dizer a um filho que perdeu os pais vitimados pela Covid-19? Você vai dizer a eles que é por causa do pecado? Embora isso

seja verdade, essas palavras não respondem às perguntas mais profundas nem fazem com que a dor desapareça. Seja qual for a resposta que dermos, outras perguntas estarão esperando para ser feitas. Nossas explicações costumam trazer mais perguntas.

Jesus, nosso Senhor e Salvador, nosso amigo Sofredor, clamou: “Deus meu, Deus meu, por que Me desamparaste?” (Mt 27:46). Foi assim que Jesus Se sentiu naquele momento, e é por isso que usou as palavras de Davi no Salmo 22:1. Somos tentados a dizer àquele que clama: “Tudo ficará bem!” E, finalmente, ficará. Mas, naquele momento de desespero, sentir-se abandonado é mais forte do que ter confiança. Foi assim que Jesus Se sentiu. É assim que os outros podem se sentir também.

Ouçe e compartilhe

Embora seja importante não fazer ou dizer certas coisas, devemos ministrar às pessoas. Situações e pessoas são diferentes, e cada pastor é único. No entanto, precisamos ministrar às pessoas que estão passando por dores. Abaixo apresento algumas sugestões:

Desenvolva uma relação de confiança. Havia um homem que era uma personalidade do rádio, e seu rosto estava em *outdoors* em toda a cidade de Nova York. Vários anos antes, ele havia participado em nossa igreja do curso “Como Deixar de Fumar” e, depois disso, começou a nos ajudar contando sua história a novos grupos do projeto. Nós conversávamos regularmente sobre situações da vida. Ele imaginava que Deus era uma “equação matemática perfeita” impessoal. Certa noite, porém, esse homem me disse que sua esposa estava passando por uma grave cirurgia, e que sua imagem de um Deus impessoal não era suficiente para consolá-lo diante da crise. A essa altura, nosso relacionamento havia se desenvolvido tanto que me senti confortável em sugerir que orássemos. E assim fizemos. Após a oração, ele disse que queria me pedir para orar, mas não sabia como fazê-lo. Ter a oportunidade de orar

Quando estamos com alguém que está passando por uma experiência dolorosa, nossas palavras bem-intencionadas nem sempre ajudam. Quando não sabemos o que dizer, é melhor ficar calado.

com ele só foi possível por causa da amizade que tínhamos.

Nosso ministério é mais efetivo quando dedicamos tempo para desenvolver relacionamentos com aqueles a quem ministramos. É por isso que a visitação e outros contatos são importantes. Como resultado, membros e visitantes adquirem confiança em nós e, finalmente, podemos ajudá-los a confiar em Deus.

Ouçã. Ouvir é fundamental, e isso envolve mais do que apenas ouvir palavras. Esteja ciente de que expressões faciais, postura, movimentos dos olhos, ações e reações também são importantes no processo de comunicação.

Pediram-me que voltasse a uma igreja que havia pastoreado alguns anos antes e dirigisse o funeral do primeiro ancião. Quando cheguei ao velório, vi a esposa do ancião sentada perto do caixão. O que dizer a ela? Sentei-me ao seu lado e nenhum de nós disse nada. Depois de um tempo, ela disse: “O que vou fazer sem ele?” Meu silêncio lhe enviou uma mensagem poderosa, e então ela estava pronta para falar.

Reconheça a realidade da dor. Dizer a uma pessoa que está passando por uma crise no casamento: “Lamento muito que você esteja passando por isso” é mais eficaz do que dizer “eu sei o que você está passando”. Quer seja divórcio, morte de um ente querido, perda de um emprego ou

outra crise pessoal, o pastor não pode sentir a dor como a pessoa a experimenta. A dor é uma experiência singular.

Compartilhe as Escrituras.

A Bíblia reconhece a realidade das lutas que enfrentamos e nos dá esperança. As pessoas que estão passando por um problema encontrarão conforto nas Escrituras, e devemos compartilhar com elas textos bíblicos de encorajamento. O que a Bíblia não faz, entretanto, é responder a todas as nossas perguntas. O que podemos responder a um pai cujo filho recém-formado em Medicina acabou de morrer, vítima do coronavírus? Podemos mostrar passagens bíblicas que nos dizem que é por causa do mal. Mas por que o mal entrou no mundo? Podemos apontar outros textos, mas cada resposta traz apenas outro “por quê?” Compreensivelmente, nos concentramos nos “porquês”. As Escrituras, por sua vez, focalizam o “como” Deus nos resgata.

A Bíblia não responde a todas as perguntas que temos. Ela reconhece a existência do mal e da dor. Diz-nos para admitir essa realidade e que, ao mesmo tempo, Deus fornece um plano de resgate. Assim que o Universo for restaurado ao seu estado original, o Senhor responderá às nossas perguntas e, então, e somente então, entenderemos algumas situações pelas quais passamos. Até lá, confiamos no plano de Deus. Essa é a mensagem que precisamos compartilhar.

Ore com elas e por elas. Reserve um tempo para perguntar às pessoas em luto se você pode orar com elas e avise-as de que estarão em suas orações. Isso vai levar-lhes conforto e dar ao Senhor uma oportunidade para falar ao seu coração sobre aquilo que Ele deseja que você faça por elas.

Conclusão

Guilherme Miller, que cedo em sua vida não acreditava em um Deus pessoal, tornou-se um estudante da Bíblia e seguidor de Jesus. Ele pregou muitos sermões

convidando pessoas a aceitar a Cristo. Seu apelo era “voe, voe em busca de socorro à arca de Deus, a Jesus Cristo, o Cordeiro que uma vez foi morto”.³

Por causa de sua pregação e da pregação de outros colegas, grande número de pessoas também acreditou no retorno literal de Cristo entre 1843 e 1844. Mas Jesus não veio quando eles esperavam. Muitas pessoas, incluindo Miller, ficaram arrasadas. Algumas abandonaram a fé e não mais confiaram no Senhor. Miller, no entanto, não teve sua fé destruída. Ele ainda confiava em Deus, e expressou essa profunda confiança construindo uma capela ao lado de sua casa, onde ele, sua família e alguns amigos adoravam ao Senhor. Na parede atrás do púlpito dessa capela estão as palavras: “Porque no tempo designado será o fim.”

Quando temos um relacionamento assim com Deus, podemos ministrar aos outros e encorajá-los a confiar Nele. Assim, aqueles a quem ministramos irão confiar “em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai”.⁴ A confiança é mais forte do que as calamidades que experimentamos. A confiança não fornece todas as respostas, mas permite-nos seguir em frente e estar ao lado de quem precisa de nós. **IM**

Referências

¹ Paul T. Gibbs, *Job and the Mysteries of Wisdom* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1967), p. 79.

² Edwin e Margaret Thiele, *Job and the Devil* (Boise, ID: Pacific Press, 1988), p. 43.

³ William Miller, *Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ: About The Year 1843; Exhibited in a Course of Lectures* (Boston, MA: Joshua V. Himes, 1842), p. 174.

⁴ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 101.

**NIKOLAUS
SATELMAJER**

editor jubilado da revista
Ministry



NO PODER DO ESPÍRITO

Lições do cristianismo
apostólico para o
crescimento da igreja

Érico Tadeu Xavier



Ao cumprir a missão de proclamar o estabelecimento do reino de Deus, Jesus contou não apenas com os doze apóstolos, chamados diretamente por Ele, mas também com homens e mulheres que O seguiam. Depois de Sua morte e ressurreição, especialmente após

o Pentecostes, o número de Seus seguidores aumentou consideravelmente. Neste artigo apresento os principais aspectos observados na história do cristianismo apostólico que servem de exemplo para que a igreja cresça e se multiplique, ampliando o alcance do reino de Deus.

Dispersão judaica

A expansão geográfica e numérica experimentada pelo cristianismo nos três primeiros séculos foi notável. Pablo Deiros afirma que cerca de “50% da população do império, composta por 25 milhões de habitantes, era cristã”¹. O motivo dessa

expansão se deve, principalmente, às perseguições promovidas por alguns imperadores, as quais contribuíram para que o evangelho fosse disseminado com maior rapidez tanto em Jerusalém quanto em outras partes do Império Romano.

Lucas afirma que, a partir da morte de Estevão, “teve início uma grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria. [...] Enquanto isso, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a Palavra” (At 8:1, 4). Assim, no fim do primeiro século, os cristãos já haviam fundado igrejas em diversas cidades da Ásia Menor, da Palestina, da Síria, da Macedônia, da Grécia, da Itália e da Espanha.

Cerca de cem anos depois, Tertuliano declarou que, apesar de ser um grupo novo, a igreja cristã já havia marcado presença em todas as áreas da vida imperial, “nas cidades, ilhas, vilas, mercados, e até mesmo no campo, nas tribos, no palácio, no senado e no tribunal”.²

Finalmente, no reinado de Constantino, o progresso do cristianismo fez com que ele se tornasse a religião dominante no império e influenciasse outras civilizações.³

Ação solidária

A importância da ação social foi destacada por Jesus ao atender às necessidades físicas, emocionais e espirituais daqueles que O procuravam. Os discípulos também se preocuparam em atender a essas necessidades. Logo no início da igreja cristã, Lucas afirma que “não havia nenhum necessitado entre eles” (At 4:34). Quando as demandas sociais aumentaram, e as primeiras dificuldades de atendimento surgiram, os apóstolos estabeleceram o diaconato, a fim de que todos os necessitados recebessem o devido auxílio (At 6:1-6). Assim, a igreja se fortaleceu tanto pela pregação do evangelho quanto pelos atos de amor e solidariedade.

Essa atitude da igreja era muito atraente. Por exemplo, as religiões pagãs raramente ofereciam algum tipo de ajuda quando os fiéis adoeciam. Por sua vez, os cristãos, especialmente as mulheres, se dispunham a cuidar dos enfermos e alimentá-los. Quando a varíola se espalhou, entre os anos de 165 e 180 d.C., a baixa imunidade às infecções causou muitas mortes, e os cristãos foram valorizados pelo auxílio que prestavam.⁴

Deus deseja fazer dos cristãos Seus instrumentos para confortar e restaurar a todos os necessitados. Ele deseja que os membros da igreja não somente preguem

A todos os que aceitam a Cristo
como Salvador pessoal, o Espírito Santo
vem como consolador, santificador,
guia e testemunha.

o evangelho, mas também ministrem aos desesperados, inspirando a esperança no coração e aliviando as penúrias da vida.⁵

Confiança na cura pela oração e pela unção

O ministério de Jesus foi marcado por curas e milagres. Mateus afirma que o Salvador “percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades” (Mt 9:35). Aos discípulos também foi concedida a oportunidade de realizar curas e milagres em nome de Cristo (Mc 6:12, 13), e essa realidade também foi vista nos primeiros passos da igreja apostólica.

Por exemplo, à porta do templo, Pedro e João curaram um coxo (At 3:1-10).

Em Samaria, os cidadãos viram Filipe expulsar demônios e curar paralíticos (At 8:4-8). Pedro ainda curou Eneias (At 9:32-35) e ressuscitou Dorcas (At 9:36-42). E Paulo curou um coxo em Listra (At 14:8-10), expulsou o demônio de uma jovem em Lídia (At 16:16-18) e ressuscitou Êutico em Trôade (At 20:7-12). Especialmente quanto ao apóstolo dos gentios, Lucas escreveu: “Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam” (At 19:11, 12).

A fé no poder de Jesus para curar e libertar foi um diferencial na igreja apostólica e deve ser também no cristianismo contemporâneo. Os médicos podem curar as doenças, mas não o pecado como a causa das doenças. Para essa espécie de enfermidade, eles não têm a cura. Somente Cristo pode libertar o ser humano do pecado, e a restauração emocional e espiritual vem na sequência.⁶

Unidade da igreja

Em seus primórdios, o cristianismo era unido, formando uma comunidade cujo “coração e alma” eram um, e onde “havia abundante graça” em todos (At 4:32, 33). O estudo da Palavra, o cuidado das pessoas, a pregação do evangelho e a perseverança na fé foram diferenciais que contribuíram para o crescimento da igreja em qualidade e quantidade (At 2:42, 44).

O crescimento inicial, portanto, se deu pelo exemplo, pelo testemunho pessoal e comunitário, pela demonstração do amor e da fé e pela perseverança em apresentar as boas-novas da graça de Cristo. O estilo de vida da igreja produziu forte impacto na comunidade, e percebia-se o poder do evangelho para transformação de vidas. Os primeiros cristãos representavam para os demais “o bom perfume de Cristo” (2Co 2:15).

Em dias tão desafiadores para a unidade quanto os nossos, é preciso relembrar

a experiência da igreja apostólica. Afinal, quanto mais perto de Deus estivermos, mais unidos seremos.

Pregação da Palavra

A pregação de Pedro, em Atos 2, resultou na conversão expressiva de quase três mil pessoas. Esse resultado provinha do fato de que os discípulos estavam “cheios do Espírito Santo e, com ousadia, anunciavam a Palavra de Deus” (At 4:31). Com o poder do alto, davam testemunho da ressurreição de Cristo e pregavam o evangelho da graça. Isso levava o povo a entender as profecias do Antigo Testamento, que falavam da vinda do Messias e revelavam o plano da salvação estendido a todos os povos.

O evangelho deve ser apresentado como uma força viva, capaz de transformar o caráter. Nas palavras de Ellen White: “Os pastores devem ter um modo mais claro e simples na apresentação da verdade assim como é em Jesus. Sua própria mente deve compreender mais plenamente o grande plano da salvação. Poderão assim conduzir a mente dos ouvintes das coisas terrenas às espirituais e eternas. Muitos há que querem saber o que precisam fazer para se salvar. Querem simples e clara explanação dos passos requeridos na conversão, e não deve ser feito um sermão sem que parte dele se destine a tornar claro o caminho para os pecadores irem a Cristo e se salvarem. [...] Fortes e diligentes apelos devem ser feitos ao pecador para que se arrependa e se converta.”⁷ Faremos bem ao atender a esse conselho!

Martírio

Os três primeiros séculos da Era Cristã foram caracterizados por perseguições à igreja. Isso causou muitos sofrimentos. No livro de Atos estão relatadas algumas situações que os discípulos passaram, começando com o apedrejamento de Estevão (At 7:54-59). Entre os apóstolos, Tiago foi o primeiro a morrer nas mãos de Herodes (At 12:2). De acordo com a tradição cristã, muitos deles experimentaram o martírio de diversas maneiras.

A história indica que muitos cristãos se mantiveram firmes na fé e na defesa do evangelho e, por isso, foram mortos.⁸ Contudo, a repressão não teve o efeito esperado, pois quando ela cessava, o exemplo dos mártires e de outros que haviam sofrido perseguição inspirava os cristãos a um esforço renovado pela difusão das boas-novas de Cristo. Isso pode ser ilustrado pelas célebres palavras de Tertuliano: “O sangue dos mártires é semente”.⁹

Atuação do Espírito Santo

O Espírito Santo é mencionado 350 vezes na Bíblia: 88 vezes no Antigo Testamento e 262 vezes no Novo Testamento. Só no livro de Atos, 70 vezes. A igreja apostólica cresceu exponencialmente devido à Sua ação e Seu poder. Assim como Jesus, o Espírito Santo operava os milagres de cura, libertação e salvação por intermédio dos discípulos.

De fato, “a promessa do Espírito Santo não é limitada a uma época ou povo. Cristo declarou que a divina influência do Espírito deveria estar com Seus seguidores até o fim. Desde o dia de Pentecostes até o presente, o Confortador tem sido enviado a todos os que se rendem inteiramente ao Senhor e ao Seu serviço. A todos os que aceitam a Cristo como Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha. Quanto mais intimamente os crentes andam com Deus, tanto mais clara e poderosamente testificam do amor do Redentor e de Sua graça salvadora. Os homens e mulheres que, através dos longos séculos de perseguição e prova, desfrutaram em grande medida da presença do Espírito Santo em sua vida permaneceram como sinais e maravilhas no mundo. Revelaram, diante dos anjos e dos seres humanos, o transformador poder do amor que redime.”¹⁰

Conclusão

Ao analisar o crescimento da igreja em seus primórdios, percebe-se que a presença e o poder do Espírito Santo foram os

grandes diferenciais na multiplicação dos cristãos. Os discípulos atuaram em conformidade com a vontade de Deus, aguardando a vinda do Consolador e se deixando conduzir pelo Espírito Santo. O resultado da pregação do evangelho, em testemunho ao que viram e ouviram de Cristo, foi percebido no crescimento da igreja nos aspectos qualitativo e quantitativo.

Mesmo diante de perseguições, os cristãos atendiam à vontade do Espírito Santo. Assim, a igreja, por sua comunhão, confiança, fidelidade, união e mesmo o martírio, se expandiu alcançando todo o mundo conhecido da época.

Portanto, é imprescindível reconhecer a necessidade de se colocar nas mãos do Espírito Santo para que Ele faça o mesmo hoje com Sua igreja, a fim de que a mensagem de salvação e do breve retorno de Cristo seja levada a todo o mundo. **TM**

Referências

¹ Pablo A. Deiros, *Historia del Cristianismo: Los primeros 500 años* (Buenos Aires: Ediciones del Centro, 2005), p. 80.

² Tertuliano. Apologia 37. Disponível em <bit.ly/3exmcxO>, acesso em 28/4/2021.

³ Robert Hastings Nichols, *História da Igreja Cristã* (São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana, 1992), p. 34.

⁴ Geoffrey Blainey, *Uma Breve História do Cristianismo* (São Paulo, SP: Fundamento, 2012), p. 63.

⁵ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 22.

⁶ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 272.

⁷ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 157.

⁸ Ver relatos de perseguições e martírio em Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1999); Justo L. González, *Uma História Ilustrada do Cristianismo* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1998), v. 1.

⁹ Tertuliano, Apologia 37.

¹⁰ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 49.

ÉRICO TADEU XAVIER

professor de Teologia
no Instituto Adventista
Paranaense



NOVAS LEITURAS

As hermenêuticas alternativas
e suas implicações para a igreja

Carlos Flávio Teixeira



Recentemente a igreja cristã vem sendo alvo de tentativas persistentes de aceitação de novas leituras da Bíblia. Na pauta dessas iniciativas estão incluídas ideias como a de que a homossexualidade seria aceitável; o aborto, tolerável; o feminismo, necessário; o ativismo político, parte do papel da igreja em coletividade; e a doutrina e o estilo de vida do crente contemporâneo deveriam se adaptar às novas formas de religiosidade, tendo em vista o ideal do amor e das relações sem julgamentos, o que seria a expressão autêntica do cristianismo.

Assim, pastores e líderes de igreja têm sido desafiados a se posicionar, tornando-se essencial reconhecer quais são as noções teológicas que estão por trás dessas ideias e avaliar se essas propostas são compatíveis com as Escrituras Sagradas. Com o objetivo de auxiliar nessa reflexão, este artigo se propõe a apresentar o paradigma hermenêutico mais amplo que fundamenta essas novas leituras e quais são as implicações dessas teologias para a igreja.

Hermenêuticas alternativas

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que, para os adventistas do sétimo dia, a hermenêutica bíblica parte do pressuposto de que a Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e expressa em linguagem humana (2Tm 3:14-17; 2Pe 1:20, 21). Comprometidos com a natureza revelacional e o conteúdo canônico das Escrituras, entendemos que os critérios para sua interpretação estão estabelecidos em seu conteúdo (*Sola Scriptura*). Nessa perspectiva, qualquer proposta de aproximação, compreensão e aplicação da Bíblia diferente daquela existente em seu texto é reprovável por estar em desacordo com o que foi definido pelo próprio Revelador. Essas iniciativas interpretativas têm sido chamadas de “hermenêuticas alternativas”, “novas leituras” ou “novos modelos”.

A essência desse tipo de perspectiva pode ser notada desde o Éden quando, em alternativa à Palavra de Deus, foi apresentada uma noção a ela contrária, a qual se desdobrou numa compreensão e prática também opostas à orientação divina (Gn 3:5-7). Desde então, incontáveis interpretações alternativas têm sido propostas quanto às verdades reveladas por Deus em Sua Palavra.

A ressurgência mais recente pode ser notada desde o período Iluminista, no século 18, desdobrando-se como ondas ao longo dos séculos seguintes. No século 19, mediante insistentes tentativas, o ímpeto de razão autônoma do pensamento revolucionário iluminista aos poucos teve seu impacto também sobre a teologia cristã.¹

Embora houvesse alguma resistência, no decorrer do século 20, dois movimentos concomitantes pressionaram ainda mais por uma nova forma de interpretar as Escrituras. Ao movimento de dentro para fora (proposto por filósofos da interpretação),² que já vinha sendo feito, somou-se o movimento de fora para dentro (proposto por grupos sociais).³

Na década de 1960, por exemplo, no contexto dos movimentos contraculturais, novas leituras existencialistas da vida e das relações humanas passaram a ser grandemente disseminadas no meio social. Nas décadas seguintes, esses movimentos geraram forte expectativa de sua aceitação nos meios político e também religioso. Este último já vinha, desde as décadas de 1930, sofrendo forte pressão interna pela influência de filósofos alemães que propunham diferentes ênfases nos métodos de interpretação de texto.⁴ O método histórico-crítico adotado, com suas práticas da crítica literária, canônica e histórica, deu origem ao que ficou conhecido como “nova hermenêutica”.⁵ Por meio dela foi proposto ir além da interpretação centrada no texto, para uma interpretação centrada nas

experiências do autor e/ou do leitor, com contextualização e relevância.

Assim, o eclecismo interpretativo que vinha ocorrendo de forma emblemática no meio acadêmico, principalmente por influência de elementos da alta crítica, facilitou o processo de recepção e acomodação gradual de algumas das ideias dos movimentos de contracultura.

Esses movimentos, tanto os de contracultura quanto os de abertura interpretativa, passaram a se retroalimentar, e seus desdobramentos atingiram o cristianismo de maneira expressiva a partir da década de 1980. Na medida em que suas ideias foram sendo progressivamente aceitas, as denominações e suas novas gerações de adeptos foram sendo redirecionadas em sua forma de crer, muitas sem se dar conta de que estavam sendo moldadas por ideologias contrárias à Bíblia, agora formatadas numa diversidade de novas leituras teológicas.

Assim, ao longo da década de 1980, essas ideias já podiam ser notadas em variados âmbitos eclesiais. Nessas manifestações públicas, os movimentos que a princípio se apresentaram como iniciativas de apoio, logo assumiram o papel de movimentos de colisão/resistência ao que entendiam ser estruturas tradicionais enviesadas e opressoras quanto à interpretação teológica e práxis eclesial.

O objetivo era libertar indivíduos e igrejas, e por meio desses, a sociedade, das amarras interpretativas que não estariam correspondendo às novas leituras propostas.

Com o tempo, foi ficando claro que cada nova leitura teológica era resultante de uma hermenêutica alternativa peculiar. Embora não seja possível mapear todas neste artigo, pode-se notar na tabela a seguir os contornos daquelas que são citadas por muitos estudiosos como as principais.

Hermenêuticas alternativas contemporâneas⁶

	Teorias	Propostas-chave de interpretação	Teologias resultantes
Paradigma interpretativo da crítica narrativa ⁷	Teoria evolucionista	Desconstrução das estruturas e discursos criacionistas, vistos como anticientíficos e fundamentalistas	Teísmo evolucionista ou Evolucionismo teísta ⁸
	Teoria da neutralidade de gênero	Desconstrução das estruturas e discursos de categorização (ontológica e funcional) relacionados a identidades sexuais	Teologia <i>queer</i> ⁹
	Teoria feminista	Desconstrução das estruturas e discursos ditos patriarcais e forte ênfase na “feminilidade de Deus” ¹⁰	Teologia feminista ¹¹
	Teoria marxista	Desconstrução das estruturas e discursos considerados de exploração e dominação econômica	Teologia da libertação ¹²
	Teoria da cor de Deus	Desconstrução das estruturas e discursos vistos como de dominação imperial e superioridade étnica e estética	Teologia negra ¹³
	Teoria tribal	Desconstrução das estruturas e discursos tendentes a aculturar os povos indígenas	Teologia indígena ¹⁴
	Teoria da emancipação ou descolonização	Desconstrução das estruturas e discursos políticos considerados hegemônicos e dominantes	Teologia política ¹⁵ (hermenêutica pós-colonial) ¹⁶
	Teoria da correlação cultural	Desconstrução das estruturas e discursos de separação e fronteiras entre cultura religiosa e secular	Teologia da cultura ¹⁷
	Teoria ecumênica	Desconstrução de estruturas e discursos que impedem ou dificultam se alcançar uma comunidade ecumênica multiconfessional	Teologia ecumênica
	Teoria da contextualização	Desconstrução de estruturas e discursos que impedem a inculturação vista como necessária para a relevância missionária junto ao público pós-moderno	Teologia emergente ¹⁸

As ideias mencionadas na tabela têm sido propostas e praticadas de forma intercambiável e, muitas vezes, uma ou mais teorias servem de base para mais de uma entre as teologias propostas. Entretanto, elas têm como denominador comum o que se chama de “hermenêutica da suspeita”. São baseadas na dúvida crítica e desconstrutiva acerca das narrativas bíblicas, negando-lhes a literalidade e, consequentemente, a existência de um sentido único definido pelo texto. Essa crítica alcança também as estruturas, autoridades, discursos e práticas estabelecidos nessas narrativas. Na crítica a esse conjunto que chamam de “tradição opressiva”, a ideia é propor teologias “pós-tradicionais” capazes de subverter os sistemas que reproduzam esses valores, forçando assim o surgimento

de uma nova mentalidade e sociedade mediante ruptura.

Resultados das hermenêuticas alternativas

As consequências da aceitação de qualquer hermenêutica alternativa àquela estabelecida pela Bíblia são desastrosas desde os primórdios da humanidade. Primeiro causa o distanciamento de Deus e Suas verdades (Gn 3:8, 9), em seguida leva à falta de unidade (Gn 3:12) e, por fim, termina em apostasia (Gn 4:5, 8). Na história do cristianismo não tem sido diferente. Por trás de muitos dos questionamentos doutrinários e posturas críticas em relação à doutrina, igreja e sua liderança, acha-se um impasse hermenêutico decorrente da aceitação de pressupostos derivados de outras fontes que não da Bíblia.¹⁹

Uma vez que a autoridade das Escrituras é dessa forma negada ou fragilizada, mina-se também a autoridade delegada pela revelação à igreja e sua liderança. Não por acaso, as denominações cristãs que em alguma medida receberam as hermenêuticas alternativas nas últimas décadas, recentemente vêm pagando o preço da falta de unidade teológica, passando pela cisão denominacional e chegando à esterilidade missionária.

Diante do potencial destruidor que a má interpretação da Bíblia mostrava em seus dias, Ellen White lembrou que, no que diz respeito às verdades reveladas, “não é a inspiração de Deus que conduz as pessoas a opiniões diferentes”.²⁰ Opiniões divergentes quanto a temas doutrinários sobre os quais há um claro e inequívoco “assim diz o

Senhor” são um sinal claro de alerta quanto à inadequação na interpretação da Palavra de Deus. A autora alertou que o “ceticismo e a infidelidade na interpretação das Escrituras” levariam muitos a duvidar de pontos claros na Bíblia.²¹

A crítica que nega os valores, princípios e regras apresentados nas Escrituras usualmente é feita com o intuito de ressignificá-los e redefinir sua prática para a vida pessoal e da igreja. Acerca de como isso ocorria em seu tempo, Ellen White escreveu que “umas poucas palavras das Escrituras são separadas do contexto, o qual, em muitos casos, mostra que o sentido é exatamente o contrário da interpretação dada; e tais passagens desconexas são distorcidas e usadas para provar doutrinas que não têm fundamento na Palavra de Deus”.²²

Sobre o porquê de algumas pessoas agirem assim em relação à Bíblia, ela disse que “diferentes são os cunhos mentais. As expressões e declarações não são compreendidas da mesma forma por todos. [...] As prevenções, os preconceitos e as paixões têm forte influência para obscurecer o entendimento e confundir a mente mesmo ao ler as palavras da Santa Escritura”.²³ Quanto aos resultados desse tipo de interpretação, ela alertou que “as Escrituras são deturpadas e mal aplicadas, e as gemas da verdade são colocadas na moldura do erro”.²⁴

Diante da seriedade da tarefa interpretativa, dizia ela, fazemos bem em lembrar que “não podemos, com segurança, aceitar as opiniões de qualquer pessoa, por instruída que seja, a menos que esteja em harmonia com as palavras do grande Mestre. Serão apresentadas a nós opiniões de pessoas sujeitas ao erro, mas a Palavra de Deus é nossa autoridade, e nunca devemos aceitar ensinamentos humanos sem a mais conclusiva evidência de que eles estejam em harmonia com os ensinamentos da Palavra de Deus. Devemos estar seguros de que estamos na plataforma da verdade eterna, a Palavra do Deus vivo”.²⁵

Conclusão

Neste artigo relembramos que o paradigma hermenêutico mais amplo que fundamenta as leituras alternativas da Bíblia é a crítica narrativa, perspectiva que coloca em dúvida a literalidade e o sentido definido/definitivo do texto. Além disso, demonstramos que essa postura interpretativa viola o princípio bíblico *Sola Scriptura* na medida em que se vale de fontes e métodos estranhos, e por isso incompatíveis, com a própria Bíblia. Por fim, concluímos que os resultados já conhecidos desse tipo de hermenêutica e suas muitas leituras têm sido destrutivos para a igreja.

Nesse horizonte, é perceptível que estamos diante de um problema cuja causa é nitidamente hermenêutica. Por isso, a única salvaguarda é nos voltarmos com humildade, compromisso e diligência ao estudo e à proclamação da Palavra de Deus e, por Sua graça, permanecermos fiéis ao “assim diz o Senhor”. Nesse desafiador cenário, pastores, obreiros e líderes de igreja precisam assumir seu papel diante das pressões e conflitos que essas leituras têm causado.

Que todos entendamos que o ministro ou líder de igreja age contra a autoridade das Escrituras quando deixa de instruir a congregação quanto às noções, crenças e atitudes bíblicamente estabelecidas; quando não se posiciona em favor da Palavra de Deus diante das tentativas de releituras ressignificadoras ou mesmo quando manifesta apoio a essas ideias e suas práticas, em qualquer nível de publicidade. Que Deus nos ajude a pensar, agir e proclamar segundo a hermenêutica *Sola Scriptura*. 

Referências

- ¹ Hermisten da Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), p. 293-315.
- ² Stanley Grenz e Roger I. Olson, *20th Century Theology: God and the World in a Transitional Age* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 1993).
- ³ Cauê Krüger, “Impressões de 1968: Contracultura e identidades”, *Acta Scientiarum*, v. 32, n. 2, p. 139-145.
- ⁴ Urbano Zilles, *Panorama das Filosofias do Século XX* (São Paulo: Paulus, 2016).
- ⁵ Gerald Bray, *Biblical Interpretation: Past & Present*

(Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), p. 221-228 e 465ss.

- ⁶ Hugh Mackintosh, *Teologia Moderna: De Schleiermacher a Bultmann* (São Paulo: Fonte Editorial, 2004); John Barton (ed.) *The Cambridge Companion to Biblical Interpretation* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003).
- ⁷ W. Randolph Tate, *Handbook for Biblical Interpretation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012), p. 280.
- ⁸ Jacques Arnould, *Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: A igreja e a evolução* (São Paulo: Paulus, 1999).
- ⁹ André Musskopf, “Teologias Gay/Queer”, em Jaci Maraschin e Frederico Pires (orgs.) *Teologia e Pós-Modernidade* (São Paulo: Fonte Editorial, 2008).
- ¹⁰ Rosino Gibellini, *A Teologia do Século XX* (São Paulo: Edições Loyola, 2021), p. 326.
- ¹¹ Susan Frank Parsons, *The Cambridge Companion to Feminist Theology* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002).
- ¹² Christopher Rowland, *The Cambridge Companion to Liberation Theology* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007).
- ¹³ Gibellini, *A Teologia do Século XX*, p. 383-414.
- ¹⁴ Jione Havea, *Postcolonial Voices from Downunder: Indigenous matters, confronting readings* (Eugene, OR: Pickwick Publications, 2017).
- ¹⁵ Gibellini, *A Teologia do Século XX*, p. 301-321.
- ¹⁶ Jeremy Punt, *Paul and Postcolonial Hermeneutics: Marginality and/in early biblical interpretation*. Disponível em <bit.ly/3vNTboq>, acesso em 6/5/2021.
- ¹⁷ Paul Tillich, *Theology of Culture* (Oxford, UK: Oxford University Press, 1964); H. Richard Niebuhr, *Christ and Culture* (San Francisco, CA: Harper & Row, 1975).
- ¹⁸ Dan Kimball, *A Igreja Emergente* (São Paulo: Vida, 2008); Stanley Grenz, *Beyond Foundationalism: Shaping theology in a postmodern context* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2000).
- ¹⁹ Roger Olson, *História das Controvérsias da Teologia Cristã* (São Paulo: Vida, 2004).
- ²⁰ Ellen G. White, *Este Dia com Deus* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), p. 169.
- ²¹ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 15.
- ²² Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 539.
- ²³ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 20.
- ²⁴ Ellen G. White, *Este Dia com Deus*, p. 169.
- ²⁵ Ellen G. White, *Para Conhecer-Lo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1964), p. 207.

CARLOS FLÁVIO TEIXEIRA
diretor do Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Amazônia



A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO

Reflexões sobre o equilíbrio entre o ministério e o relacionamento com os filhos

Matheus Marques Köhler

Cresci em um lar adventista. Fui ensinado a ir à igreja, respeitar a hora do culto e ouvir atentamente o pregador. Como se isso não fosse suficiente, sou filho e neto de pastor.

Desde pequeno, as pessoas esperavam que eu me assentasse no primeiro banco para ver meu pai pregar e compreendesse o sermão, lembrando-me de todos os pontos e informações.

Quando eu tinha seis anos, ele foi indicado para assumir uma posição de grande responsabilidade, e minha vida mudou completamente. De repente, vi meu pai se ausentar de casa cerca de



75% do ano e ter que lidar com assuntos muito complexos. E eu, ainda uma criança, tinha a oportunidade de ouvir vários dos grandes pregadores da Igreja Adventista.

Contudo, na maioria das vezes, não conseguia entender quem eram, e muito menos sua mensagem, o que em várias ocasiões era exigido de mim.

Assim, cresci sem demonstrar vontade de seguir a vocação ministerial. Durante anos pensei em romper essa linhagem de pastores na família. Por isso, não me interessava muito pelas questões básicas do ministério. Não fui um ávido leitor nem um pregador mirim. Mesmo assim, nunca perdi o interesse pela igreja ou por suas atividades.

Contudo, em 2017, no interior do Amazonas, Deus mudou minha percepção sobre o futuro profissional. Ele me mostrou que não era da Sua vontade que eu O servisse por trás das lentes de uma câmera, que era minha paixão, mas atrás do púlpito, que até então não era meu foco. Logo as oportunidades para trilhar meu próprio caminho rumo ao ministério começaram a surgir. E, finalmente, depois de armazenar por vários anos conhecimentos e experiências de outras pessoas, tive minha primeira oportunidade de pregar. Nesse momento, percebi que, do básico, eu nada sabia. Assim, dei início a uma jornada de crescimento que se torna mais e mais empolgante, enquanto avanço por ela.

Esse é um pequeno resumo do meu chamado ao ministério. Ao contrário do que alguns possam imaginar, ser pastor não era meu sonho de infância, embora o ambiente de minha casa sempre tenha sido propício para a edificação da fé.

Manter um ambiente favorável para o desenvolvimento da fé é um grande desafio em muitos lares pastorais. Matt McCullough apresenta dois perigos relacionados aos filhos de pastor. Em primeiro lugar, “precisamos evitar tratar a igreja como um trabalho sem ligação com nossa vida particular”, afirma. Por isso, “se quisermos que nossos filhos amem a igreja,

precisamos mostrar-lhes que de fato amamos a igreja – cremos que vale a pena o investimento de toda a nossa vida”¹

“Por outro lado, precisamos evitar deixar que os fardos do ministério se infiltrem no tempo e na atenção que a família merece. [...] Devemos proteger nosso relacionamento com nossos filhos em relação à igreja, eliminando obstáculos desnecessários que podem tornar a igreja mais difícil de ser amada do que deve ser.”²

Esse equilíbrio é difícil de ser alcançado e tem trazido problemas para muitas famílias. Por isso, é preciso refletir sobre como é possível conciliar o trabalho pela igreja e o relacionamento com os filhos sem prejudicar nenhum dos lados. A partir de minha percepção como filho de pastor, gostaria de apresentar algumas considerações sobre o tema.

Participação

O primeiro passo para ajudar os filhos a amar a igreja é mostrar-lhes seu amor por ela. Nem sempre isso é simples; afinal, a igreja é composta de pessoas falhas que, algumas vezes, testam nossa capacidade de amar. Contudo, a maioria dos membros tem consideração por seu pastor. Por isso, deixe que seus filhos participem do cotidiano de seu ministério e vejam as alegrias e tristezas que envolvem sua dedicação ao trabalho pastoral.

Lembre-se de que, antes de ser uma profissão normal, o ministério é uma vocação que demanda do pastor entregar-se no serviço em favor das pessoas. Permita que seus filhos o vejam e entendam seu amor sacrificial por elas.

Outro ponto importante é envolvê-los pessoalmente no estudo da Bíblia. Eles estão acostumados a ouvi-lo pregar e, embora os sermões tenham sua importância para a edificação espiritual, são insuficientes. Os filhos de pastor precisam conhecer

os fundamentos da fé por eles mesmos. Para que isso ocorra, dedique tempo para ensinar aos seus filhos a Palavra de Deus, em casa e também por meio de estudos bíblicos ministrados a outras pessoas.

Infelizmente, muitos acreditam que os filhos de pastor conhecem naturalmente as doutrinas bíblicas e estão aptos a compartilhá-las com todos ao redor. Contudo, essa não é a realidade. Filhos de pastor são crianças e adolescentes normais que, se não forem ensinados, provavelmente não saberão explicar corretamente a razão de suas crenças. Por isso, estude a Bíblia diariamente com seus filhos, envolva-os em atividade de ensino da Palavra e ajude-os a aplicar o conhecimento das Escrituras à vida diária.

Proteção

Envolver os filhos no ministério é algo muito importante. No entanto, é necessário proteger o relacionamento familiar. O pastor deve ter cuidado para não permitir que as responsabilidades do trabalho controlem sua vida. Quando os filhos de pastor percebem que o ministério está competindo com eles pelo tempo e afeição de seu pai, sentem mais dificuldades de amar a igreja. Ela nunca pode estar acima da família pastoral. Por outro lado, quando os filhos percebem que o pai prioriza os laços familiares, aceitam com mais facilidade os momentos em que ele não pode estar em casa em razão do trabalho.

Então o que o pastor pode fazer para proteger sua família e exercer bem seu ministério? As sugestões abaixo podem ser úteis para ajudá-lo a alcançar esse equilíbrio.³

1. *Tenha um dia de folga.* Procure deixar esse dia o mais livre possível, a fim de que você e seus filhos fiquem juntos. Resista à vontade de pensar nesse dia como uma chance para descansar do seu trabalho sozinho, por mais que você precise. Lembre-se de que essa é uma oportunidade para passar tempo de qualidade com a família. Investir nesses momentos ajudará você a suavizar as ocasiões em que tiver que ficar longe dela.

2. Saiba administrar os imprevistos.

Quando o trabalho entrar em conflito com seu momento familiar, informe com rapidez e clareza o que está acontecendo. Não permita que seus filhos pensem que eles são o motivo de sua expressão preocupada quando os problemas forem do trabalho. Diga-lhes quando você está trabalhando e quando está disponível para eles.

3. *Não cumpra suas tarefas nos momentos dedicados à família.* A quantidade diária de informações que recebemos em nossos aparelhos eletrônicos é enorme. Por isso, evite ficar grudado no celular em sua folga. Ponha-o de lado e aproveite o momento. Não deixe que a tecnologia roube o tempo dedicado especialmente à sua família.

Intercessão

Em última instância, uma das principais atitudes que um pastor deve ter para ajudar seus filhos a amar a igreja é orar por eles. Não os force. Tudo que é imposto não é genuíno e dura pouco. Chega um momento da vida dos filhos de pastor em que eles devem deixar de depender da fé de seus pais e passar a ter compromisso com a igreja a partir de suas próprias convicções.

Essa transição é reflexo da operação do Espírito Santo na vida dos filhos, por isso, “o bem mais fundamental que devemos fazer por nossos filhos, se quisermos vê-los amar a igreja, é orar por eles”⁴

Lembre-se de que os filhos de hoje serão a liderança da igreja de amanhã. Veja que conselho importante Ellen White deu aos filhos de pastor: “Incidirá sobre nós maior luz do que brilhou sobre nossos pais. Não podemos ser aceitos ou honrados por Deus prestando o mesmo serviço, ou fazendo as mesmas obras que nossos pais. A fim de ser aceitos e abençoados por Deus como eles foram, cumpra-nos imitar sua fidelidade e seu zelo, aperfeiçoar nossa luz como eles teriam feito caso vivessem em nossos dias. Cumpra-nos viver segundo a luz que brilha sobre nós, do contrário, essa luz se tornará em trevas.”⁵

Sou filho de pastor e, em minha caminhada de aprendizado, tenho sido impressionado pelos seguintes versos do Salmo 22: “Contudo, Tu és quem me fez nascer; e me preservaste, estando eu ainda ao seio de minha mãe. A Ti me entreguei desde o meu nascimento; desde o ventre de minha mãe, Tu és o meu Deus. [...] A meus irmãos declararei o Teu nome; no meio da congregação eu Te louvarei” (Sl 22:9, 10, 22, 30, 31).

Esse texto é muito especial, pois ele responde algumas perguntas existenciais. Estamos aqui pela vontade de Deus. Temos uma obra a fazer: testemunhar aos nossos irmãos, sejam eles de sangue ou não. E, por fim, temos um legado a deixar: “A posteridade O servirá, e se falará do Senhor à geração vindoura. Virão e anunciarão a justiça Dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi Ele quem o fez” (Sl 22:30, 31).

Como filhos de pastor possuímos muitas responsabilidades. Contudo, a maior delas é a de manter a chama do evangelho acesa para as próximas gerações. Esse é nosso chamado. Portanto, quer seus filhos desejem seguir a vocação ministerial ou não, a responsabilidade de continuar pregando o evangelho do breve retorno de Jesus deve ser passada adiante. Que tal investir tempo para mostrar aos seus filhos como você os ama e o legado de fé que deseja passar por intermédio deles? **IM**

Referências

¹ Matt McCullough, “Como Criar Meus Filhos Para Amarem a Igreja”, em Collin Hansen e Jeff Robinson (eds.), *15 Coisas que o Seminário não Pode me Ensinar* (São Paulo: Vida Nova, 2020), p. 72.

² McCullough, p. 72.

³ McCullough, p. 76-78.

⁴ McCullough, p. 79.

⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 1, p. 262.

**MATHEUS MARQUES
KÖHLER**

formando em Teologia
pelo Instituto Adventista
Paranaense



LUZEIROS NA SELVA

Maior projeto fluvial da Igreja Adventista no mundo completa 90 anos de serviço à comunidade

As histórias de superação e conquistas de obreiros no campo missionário têm o poder de lembrar algumas lições preciosas sobre a grande comissão de pregar o evangelho. Essas experiências servem de incentivo e instrução. Elas nos fazem seguir adiante com fé e confiança, não porque a vida dessas pessoas tenha sido fácil, mas porque a renúncia, as dificuldades ao longo do caminho e os grandes resultados, apesar da limitação de recursos, mostram o que Deus pode fazer por intermédio daqueles que não medem esforços para atender Seu chamado à obediência e à missão.

As lanchas Luzeiro, que por 90 anos atuam nos grandes rios da Amazônia,

configuram um exemplo dessa verdade. Mais do que um projeto evangelístico, elas são uma escola viva para todos os que estão, de alguma forma, envolvidos com a proclamação da mensagem adventista.

O sacrifício antecede o legado

No início do século 20, a Igreja Adventista estava em processo de organização no Brasil. A princípio, o país todo era o território da Associação Brasil, sediada em Gaspar Alto, SC. Anos depois, surgiu a União Este Brasileira, cujo escritório ficava no Rio de Janeiro. Foi somente em 1927 que a Missão Baixo Amazonas foi criada, para atender mais de perto as necessidades da região amazônica.¹

Enquanto isso, um legado estava sendo iniciado por homens e mulheres que decidiram expandir a mensagem adventista na região Norte do Brasil. Entre eles, estava o alemão Hans Mayr, um colportor cheio de vontade de evangelizar a Amazônia. Entretanto, ele mal sabia o que o esperava. Por ser estrangeiro, além dos desafios culturais e climáticos, enfrentou dificuldades de aceitação, pois ninguém queria, ao menos, alugar uma casa para ele. Os problemas pareciam ser maiores que as forças físicas, e o campo, certamente, maior do que a quantidade de pessoas dispostas a batalhar nele. Mayr passou a trabalhar com André Gedrath e, juntos, diante dos momentos desafiadores, puderam



desenvolver a fé, a sabedoria e a criatividade na idealização de planos para ampliar o evangelismo na região amazônica.

Para alcançar as comunidades mais distantes, os missionários dependiam totalmente de barcos comerciais, porém isso atrasava muito a expansão do trabalho a ser realizado por eles. Foi então que a chegada do casal Leo e Jessie Halliwell se tornou um marco significativo para a equipe missionária.

Renúncia pessoal

Leo Blair Halliwell era um engenheiro elétrico que, durante a Primeira Guerra Mundial, trabalhava em uma fábrica de armamentos nos Estados Unidos. Sua esposa, Jessie, era adventista e orava pela conversão de seu esposo. Após um acidente de trabalho que o obrigou a se afastar de suas atividades, Leo passou a frequentar a igreja e participar de campanhas evangelísticas. Motivado pelas mensagens que ouvia, começou a estudar a história de missionários como David Livingstone e Fernando Stahl. O assunto teve grande

impacto em sua vida e, aos poucos, o desejo de fazer mais pela humanidade foi tomando o lugar dos sonhos de construir grandes usinas elétricas. Diante dessa ardente chama missionária, Leo decidiu deixar o emprego e dedicar a vida totalmente à pregação do evangelho.

Não demorou muito para o chamado acontecer. Em 1922, o casal Halliwell já preparava o necessário para sair do conforto de sua casa nos Estados Unidos e servir à igreja no Brasil, na antiga Missão Baiana. Após nove anos de trabalho, foram transferidos para cuidar da recém-criada Missão Baixo Amazonas, em uma realidade totalmente diferente da que estavam acostumados. A população daquela região não tinha muito conhecimento dos princípios de saúde. Na maioria das vezes, as doenças eram tratadas por meio de curandeirismo.

Sem dúvida, era um grande campo para se trabalhar, e apesar das diferenças linguísticas e culturais, o ministério do casal Halliwell prosperou. Pensando em fortalecer o trabalho evangelístico iniciado pelos colportores em toda a Amazônia,

Leo teve a ideia de construir uma lancha que servisse de clínica e o levasse às comunidades mais afastadas. Foi então que seus conhecimentos em engenharia elétrica resultaram na construção da primeira lancha Luzeiro. Nascia, então, um ministério que deveria propagar luz até às regiões mais distantes do norte do Brasil.

Ministério médico-missionário

O impacto do trabalho do casal Halliwell em favor dos ribeirinhos fez com que seu barco fosse conhecido como Anjo Branco. Sobre a importância da obra médico-missionária, Ellen White ressaltou que, “durante Seu ministério, Jesus dedicou mais tempo a curar os enfermos do que a pregar”.² Seguindo esse exemplo, os missionários estacionavam o barco às margens das comunidades ribeirinhas e atendiam a adultos e crianças. Por ano, eram realizados cerca de seis mil atendimentos. A atenção e o cuidado dispensados pelos missionários conquistava espaço no coração das pessoas. Isso proporcionava oportunidade para falar da verdade eterna. “Nosso Salvador ia de casa em casa, curando os enfermos, confortando os tristes, consolando os aflitos e dirigindo palavras de paz aos abatidos.”³

À semelhança de Cristo, o casal Halliwell colocou em prática esse método por meio da Luzeiro. O pastor Jorge Lobo afirmou: “Não há, em todo o Amazonas, barco semelhante à Luzeiro. Já houve quem por ela oferecesse quarenta contos. Mas ela não tem preço! Vale pelo que faz e não pelo que custou ou aparenta. Seu valor é incalculável e, quanto mais os anos passam, mais ele aumenta. Não se pode, em palavras ligeiras, descrever o que tem feito a Luzeiro”.⁴

Até os confins da Amazônia

Quando o casal Halliwell começou o trabalho com os colportores, havia 53 membros na Missão Baixo Amazonas. Com o passar dos anos, esse número foi se multiplicando como grãos de areia. Os pequenos grupos se transformaram em igrejas,

e estas reunidas formaram Associações. Em 2021, a União Noroeste Brasileira soma mais de 167 mil membros batizados. Esse número dá testemunho de que o objetivo principal da Luzeiro, isto é, propagar a luz do evangelho, tem sido cumprido ao longo do tempo.

Atualmente, apesar da realidade pandêmica, a fórmula não mudou. Enquanto ainda existem comunidades que precisam da mensagem de esperança, saúde e serviços assistenciais, esse “Anjo Branco” continua trabalhando na linha de frente por meio de missionários que realizam um verdadeiro serviço de sacrifício e abnegação. Hoje, cinco barcos são administrados pelas Uniões Noroeste e Norte do Brasil: As Luzeiros XXVI e XXX (atuam nos rios Negro e Solimões), as Luzeiros XXIX e XXXI (atendem os arredores da cidade de Belém) e a Igreja que Navega (IQN), um barco missionário que tem o objetivo de plantar igrejas onde ainda não existe a presença adventista.

Lições para a missão

Grande é a necessidade de missionários para os campos dessa região. Algumas lições dessa história servem como guia para todos aqueles que desejam se aventurar na maravilhosa experiência de ser missionário.

1. *Comece, ainda que aos poucos.* As duas primeiras lanchas missionárias no Brasil foram feitas por Hans Mayr e André Gedrath. Em Belém, com o motor de um carro abandonado, Mayr construiu um pequeno barco. Os recursos eram poucos, oriundos do trabalho na colportagem e da venda de ovos de uma pequena criação de galinhas que o casal Mayr tinha. Apesar de pequena, a embarcação era funcional. Já o barco de Gedrath não era tão eficiente e precisou ser trocado. A partir dessas duas iniciativas humildes, surgiu a Luzeiro, o maior projeto missionário fluvial da Igreja Adventista no mundo. Assim, é possível afirmar que quando Deus nos separa para uma missão, não importa quão pequena ela pareça no início. Se trabalharmos com o espírito correto, grandes serão os resultados (Zc 4:10).

2. *Avance, mesmo com poucos recursos.* Financeiramente, o projeto iniciou em um período durante o qual os investimentos da igreja limitavam o avanço de novos campos missionários. Isso porque o orçamento havia diminuído por causa da crise econômica mundial de 1929. No entanto, o amor do casal Halliwell pelos ribeirinhos moveu o coração de governos e empresários que passaram a fornecer doações de suprimentos para as viagens.

Não faltaram recursos para que o barco, em seus primeiros 10 anos, percorresse mais de 200 mil quilômetros e atendesse cerca de 40 mil pessoas.⁵ Quando o assunto é missão, lembre-se: “Do ponto de vista do mundo, o dinheiro é poder; mas do ponto de vista cristão, o amor é poder.”⁶

3. *Use o melhor método: o amor.* Na maioria das comunidades ribeirinhas, a tripulação da Luzeiro encontrava a população em grandes necessidades, principalmente na área de saúde. Desde o início, o objetivo final era pregar o evangelho, mas para isso os missionários passavam o dia cuidando das pessoas e tratando das enfermidades tropicais como malária, febre tifoide e varíola. Lidavam com casos lastimáveis de ferimentos provocados por cobras e jacarés e ofereciam toda ajuda possível. À noite, mesmo estando exaustos, usando o gerador do barco para ligar um projetor de slides, faziam as reuniões evangelísticas, com temas de saúde e religião. As pessoas aliviadas da dor e sofrimento vinham então com o coração aberto para ouvir aqueles que, durante o dia, demonstravam tanto amor por elas.

4. *Compartilhe sua influência.* Não é possível mensurar com exatidão o trabalho que os pioneiros realizaram pela pregação do evangelho na região Norte do Brasil por meio das lanchas. Esse ministério construiu dezenas de barcos, atendeu uma multidão de enfermos e fez a alegria da salvação chegar a milhares de pessoas. Mas seu maior serviço para a proclamação do evangelho foi inspirar obreiros até os dias atuais a deixar o conforto do lar e

desbravar as selvas do campo missionário. É incontável a quantidade de pessoas que se dedicaram à missão após ouvir ou ler relatos inspiradores de histórias envolvendo a Luzeiro e o casal Halliwell. Ellen White escreveu: “O testemunho silencioso de uma vida sincera e desinteressada exerce influência quase irresistível.”⁷

Conclusão

Como as ondas feitas por um humilde barco movimentam toda a serena superfície das águas até chegar às margens, a história das lanchas viajou no grande lago do tempo por nove décadas, e sua influência ainda é notável nos dias atuais. Na literatura profética, rios simbolizam multidões, e estas são a razão da maior e mais urgente necessidade da existência das Luzeiros: mover as águas de muitos corações através do poderoso motor do amor. **IM**

Referências

- ¹ Ana Paula Ramos, *Desafio nas Águas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 21.
- ² Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 9.
- ³ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 59.
- ⁴ Abdoval Cavalcanti, *Luzeiro* (Niterói, RJ: Editora Ados, 2011), p. 33.
- ⁵ Floyd Greenleaf, *Terra de Esperança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 361.
- ⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), v. 4, p. 138.
- ⁷ Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 418.

GISELE CALISTO

jornalista voluntária do Instituto de Missões Noroeste, Manaus, AM



RONIVON SANTOS

diretor do Instituto de Missões Noroeste, Manaus, AM



UNÇÃO DE ENFERMOS

Um grupo de pastores experientes estava discutindo seu papel no ministério de cura de suas igrejas. “Havia uma irmã doente”, um dos pastores começou a falar, timidamente. “A família me pediu que a ungissem. Eu a ungi, mas dois dias depois, ela morreu. O que fiz de errado?” Expressões de compaixão do grupo mostraram que todos haviam passado por situações semelhantes de aparente derrota. Alguns, ao que parecia, até questionavam o propósito de ungir os enfermos. Como então, entender o que Tiago escreveu sobre a importância da cerimônia da unção (Tg 5:14-16)?

A prática de ungir os enfermos tem raízes na história judaica e no ministério de Jesus, e essas raízes elucidam duas razões importantes para adicionar a unção à oração eficaz.

1

Óleo simboliza o tratamento humano

A primeira razão é que o óleo representa o tratamento curativo. A admoestação de Tiago para ungir os enfermos não deu início à prática. Seu conceito está enraizado no exemplo de Jesus e Seus discípulos. “Chamou os doze e passou a enviá-los de dois em dois. [...] Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse. Expulsavam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungiendo-os com óleo” (Mc 6:7, 12, 13).

Os evangelhos estão repletos de histórias surpreendentes de enfermos restaurados, de um grande número de pessoas recebendo cura física. Embora Jesus tenha vindo para salvar Seu povo dos pecados (Mt 1:21), Ele passou mais tempo curando os fisicamente enfermos do que pregando sermões.¹

Além disso, quando os discípulos foram enviados de dois em dois para proclamar o evangelho, eles podem não apenas ter realizado milagres de cura, mas também usado remédios simples, ilustrados pelo óleo de unção. Encontramos a importância do azeite como agente terapêutico na parábola do bom samaritano, que tratou o viajante ferido com óleo e vinho (Lc 10:34). No mundo antigo, o azeite era considerado útil para curar quase tudo,² e seria visto como uma substância curativa na época de Jesus e dos apóstolos. Assim, Tiago parece estar incentivando os anciãos a ir até os enfermos munidos com oração e remédios.³

Se o óleo da unção representa os recursos terapêuticos disponíveis que devem ser oferecidos aos doentes, então Tiago diz que o uso de tratamentos médicos deve acompanhar a oração. Orar pelos enfermos sem usar os recursos terapêuticos apropriados seria presunção, não fé. Isso contrasta com a ênfase de muitos ministérios de cura atuais. A gama de tratamentos médicos aumentou radicalmente desde os tempos apostólicos, mas o princípio de fazer pleno uso dos recursos disponíveis ainda se aplica.

Por outro lado, os enfermos não devem ser abandonados aos cuidados médicos sem a devida atenção às suas necessidades espirituais. Encontramos isso ilustrado em um relato do Antigo Testamento. O rei Asa, de Judá, no fim de seu reinado de 41 anos, “contraíu uma doença nos pés, e essa doença era muito grave. Porém, na sua enfermidade ele não recorreu ao Senhor, mas confiou nos médicos” (2Cr 16:12). A ajuda médica sem “buscar o Senhor” não é apoiada. Os pastores são, portanto, uma parte importante da equipe de tratamento e não devem ver seu trabalho pelos enfermos como algo separado dos cuidados médicos.

2

Óleo simboliza consagração a Deus

Há uma segunda razão, ainda mais importante, para adicionar a unção à oração pelos enfermos: separar a pessoa para a obra do Senhor. A unção tinha um significado especial no Antigo Testamento, familiar para os leitores cristãos judeus de Tiago, e cuja importância teriam compreendido.

Jacó, enquanto fugia para salvar sua vida, e impressionado com um sonho que teve, no qual anjos subiam por uma escada que alcançava o Céu, reconheceu a presença de Deus no lugar em que havia dormido e ungiu uma rocha em Betel (Gn 28:18, 19). Isso confirmou a presença divina e a vontade de Jacó de se dedicar



ao Senhor. A unção foi ordenada por Deus para a consagração dos sacerdotes arcaicos (Êx 28:41; 29:7), que foram designados para um serviço especial. Até o tabernáculo e todos os seus móveis (Êx 29:36; 40:11) foram ungidos para que se tornassem santos (Êx 40:9). Nesse caso, a unção está associada à dedicação ao propósito de Deus. Samuel, por ordem divina, ungiu e separou Saul como rei de Israel (1Sm 9:16, 10:1). Quando Samuel, por ordem do Senhor, ungiu Davi, “o Espírito do Senhor se apossou de Davi” daquele dia em diante (1Sm 16:13). A unção indicava o recebimento do Espírito Santo e a consagração para o serviço de Deus.

Esse entendimento do Antigo Testamento sobre a unção precisa ser reconhecido e enfatizado quando aplicado aos enfermos. Ao admitir que a pessoa ungi-da foi consagrada a Deus, para ser conduzida como Ele achar adequado, o resultado pode ser deixado nas mãos Dele. Frequentemente, muito se fala da fé da pessoa por quem oramos ou daqueles que estão orando. Se uma pessoa (ou pessoas) tem fé suficiente, o doente será curado, mas se uma pessoa não for curada, ela carrega o fardo, não apenas de sua doença, mas também de sua alegada falta de fé.⁴ O conceito da pessoa doente sendo dedicada ou entregue a Deus lida com esses problemas de maneira singela. Como Paulo com seu espinho na carne, ela pode confiar em Deus e em Sua graça (2Co 12:7-9).

A cura para os crentes vem no tempo de Deus e por diferentes meios. Eles podem ser curados imediatamente, por meio de vários tratamentos e orações ao longo do tempo, ou finalmente e eternamente na ressurreição. Todo aquele que crê nas promessas de Tiago 5 e é ungido apropriadamente será curado à maneira e no tempo de Deus. Podemos ter certeza disso.

A unção, portanto, leva o doente além da angústia imediata de sua doença para a íntima confiança em Deus. Quer sua vida seja curta ou longa, ele pode ter certeza de que Deus o usará para ser uma bênção para os outros. Se sua saúde for restaurada, então ele permanecerá, para o resto da vida, uma pessoa ungi-da, especialmente dedicada a Deus para Seu uso. Portanto, a unção deve ser a escolha da pessoa enferma e de mais ninguém.

Assim, ela pode ser comparada ao batismo. Como o batismo é uma declaração pública de aceitação do poder salvador de Jesus, a unção é uma declaração pública de dedicação total à vontade de Deus para Seu uso especial. Se Deus cura imediatamente, permite que o sofrimento continue ou deixa que a pessoa experimente o sono da morte, torna-se irrelevante. Uma pessoa ungi-da e curada se concentrará não na bênção da saúde física, mas na salvação divina e em como Ele planeja usar sua vida. Ela louvará a Deus pela evidência de que Ele a usará para um propósito especial e orará para que esse propósito seja revelado.

3

Oportunidade de orientação

Os pastores podem usar as circunstâncias de uma doença para orientar as famílias da igreja, a fim de que entendam os planos de cura de Deus. Sermões não apenas sobre oração, mas também sobre a importância do perdão e o significado da unção devem ser pregados.

A confusão entre a unção e a “extrema unção” precisa ser eliminada para que os enfermos, especialmente os que sofrem de crises e enfermidades crônicas, possam experimentar a bênção do compromisso total com Deus. Enquanto o médico derrama o óleo da cura medicinal, o pastor derrama o óleo que representa o poder do Espírito Santo e direciona a pessoa que luta, sua família e a comunidade da igreja para Deus. **TM**

Referências

- ¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 19.
- ² Douglas J. Moo, *The Letter of James* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), p. 239.
- ³ Moo, *The Letter of James*, p. 239.
- ⁴ Moo, *The Letter of James*, p. 244.

ELIZABETH OSTRING
médica-missionária na Nova Zelândia



MISSÃO URBANA, MISSÃO PRESENTE

A evangelização das cidades
como estratégia-chave para
a pregação adventista

Walter Alaña



Foto: TimeStopper / Adbbe Stock

Deus está nos lembrando de várias maneiras que o fim dos tempos está próximo. Nesse contexto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem a missão profética de proclamar o evangelho a todo o mundo (Ap 14:6-12). Para isso, o Senhor estabeleceu uma estratégia cujo elemento-chave é a evangelização das cidades. O apelo final que o remanescente escatológico deve proclamar é um chamado para sair de Babilônia, a cidade que personifica a oposição a Deus (Ap 18:1-6). Essa estratégia tem suas raízes no Antigo Testamento e se desenvolve de forma mais completa no Novo Testamento.

O papel das cidades no contexto do grande conflito se desdobra progressivamente ao longo das Escrituras. De fato, a própria concepção de cidade passa por uma transformação. Sua noção negativa, como símbolo da autossuficiência humana e oposição a Deus, predominante na Bíblia (Gn 11:1-9; Is 21; Ap 17), dá lugar ao aparecimento de Jerusalém como destino final dos redimidos. Como afirma Estevan Kirschner: “Quem lê a Bíblia do início ao fim percebe que o drama humano começa em um jardim, mas termina em uma praça no centro de uma cidade.”¹

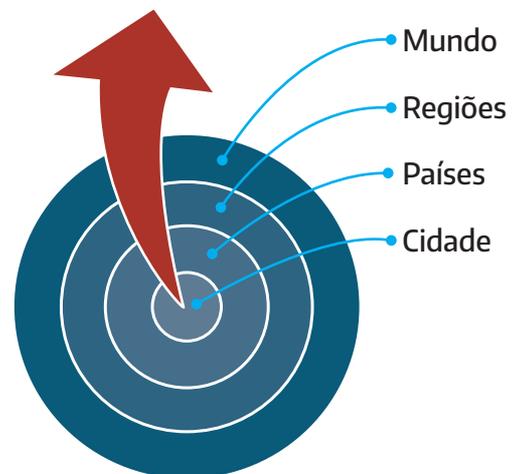
Papel estratégico da missão urbana

A atenção prioritária à evangelização urbana se justifica tanto pela análise da realidade quanto pelo texto bíblico. Segundo dados do Banco Mundial, atualmente “cerca de 55% da população mundial, 4,2 bilhões de habitantes, vive nas cidades. Essa tendência deverá continuar. Em 2050, a população urbana dobrará, e quase 7 em cada 10 pessoas viverão nas cidades”.² Esses dados indicam claramente que a maioria das pessoas que precisam ser alcançadas com o evangelho vive em centros urbanos. Por outro lado, também se reconhece hoje que “as cidades são viveiros dinâmicos de criatividade e poder, aprendizagem e cultura. São ecossistemas que sustentam o crescimento e a mudança”.³

Além disso, é possível encontrar na Bíblia e nos escritos de Ellen White uma ênfase crescente no papel estratégico que a missão urbana desempenha no desejo de Deus de alcançar o mundo com o evangelho de Cristo, particularmente no contexto do tempo do fim.

A missão urbana é geralmente considerada um fenômeno do Novo Testamento. Nesse cenário, Paulo se destaca como aquele que liderou essa obra fundamental para a expansão do cristianismo durante a era apostólica.⁴ No entanto, o Antigo Testamento fornece alguns textos que parecem ter moldado as estratégias executadas por equipes missionárias lideradas pelo apóstolo dos gentios.⁵

Um texto que sugere o papel estratégico da evangelização urbana é Isaías 19:18 a 25. A passagem começa com uma alusão ao momento (“Naquele dia”) quando a visão profética alcançará seu cumprimento definitivo: o tempo do fim. Nesse tempo escatológico, “o que começou em cinco cidades [v. 18] agora alcança toda a Terra”.⁶ O texto, portanto, sugere um avanço progressivo na adoração do Deus verdadeiro. Começa em cinco cidades, depois atinge um país inteiro (Egito); mais tarde estende-se por toda uma região (do Egito à Assíria) e, finalmente, abarca toda a Terra. Essa visão ampla da missão divina foi captada pelo apóstolo Paulo e se tornou o motor de sua filosofia missionária e ministerial.⁷



Outro episódio paradigmático em relação à missão urbana é apresentado no livro de Jonas, considerado “o livro mais missionário do Antigo Testamento”.⁸ No entanto, o que mais impressiona na história é a relutância do profeta em cumprir a missão urbana designada em Nínive. Como Rosemary Nixon observa, “no cerne da missão está o desafio da mudança”.⁹ Afinal, para Jonas, proclamar a Palavra do Senhor dentro dos limites de Israel era uma coisa; pregar na malvada Nínive era outra, totalmente diferente!¹⁰ E isso não é tão difícil de entender, quando se lembra que Nínive foi a capital da Assíria, o império mais poderoso de seu tempo, conhecido por sua maldade e violência (Jn 1:2).¹¹

A relutância e o preconceito contra a obra evangelística nas grandes cidades não são novos. De acordo com Jacques Ellul, as cidades geralmente são vistas pelos cristãos como centros de oposição a Deus e redutos de corrupção, imoralidade e violência.¹² Os adventistas do sétimo dia não estão alheios a essa realidade.¹³ Concluindo uma discussão esclarecedora sobre as razões pelas quais os adventistas abandonaram progressivamente a missão urbana durante o ministério de Ellen White, David Trim observa: “Os adventistas não queriam lidar com bairros empoeirados, sujos, enfumaçados e insalubres do centro da cidade, ou com seus habitantes igualmente sujos, estrangeiros, analfabetos e viciados. [...] Às vezes, a tentação mais sedutora é a respeitabilidade, e

isso é verdade no início do século 21, como também foi no início do século 20.”¹⁴

Embora em outros contextos possam ser apontadas outras barreiras que têm impedido o avanço da missão urbana, é chegado o tempo em que o chamado divino para empreender essa tarefa deve ser assumido sem demora. Esse convite divino continua válido: “Os mensageiros de Deus nas grandes cidades não devem se sentir desanimados com a impiedade, injustiça e depravação que são chamados a enfrentar enquanto procuram proclamar as alegres novas da salvação. [...] Em cada cidade, cheia como possa estar de violência e crime, há muitos que, devidamente ensinados, aprendem a se tornar seguidores de Jesus.”¹⁵

Ellen White e a missão urbana

Um estudo cuidadoso dos escritos de Ellen White nos permite observar que, embora por um lado ela promovesse a vida no campo como um ideal para os adventistas; por outro lado, ela incentivou continuamente o evangelismo urbano.¹⁶ Não é exagero dizer que a evangelização das cidades se tornou quase que uma obsessão para a autora e, em mais de uma ocasião, ela reprovou fortemente a negligência demonstrada pela liderança da igreja em relação às grandes cidades.¹⁷ Corrigir essa falha foi um dos principais objetivos de seu ministério entre 1901 e 1910.¹⁸

Entre as muitas estratégias para abordar o evangelismo urbano, Ellen White

aconselhou o estabelecimento do que chamou de centros de influência. “Devemos fazer mais do que temos feito para alcançar as pessoas de nossas cidades. Não devemos construir grandes edifícios nas cidades, mas, repetidas vezes, foi-me esclarecido que devemos estabelecer em todas as nossas cidades pequenas instalações que se tornem *centros de influência*.”¹⁹

Assim, Ellen White imaginou pequenos centros urbanos de ministério integral que uniam a igreja à comunidade por meio do serviço. Falou sobre centros de saúde, salas de tratamento e restaurantes vegetarianos. Hoje eles podem assumir diferentes formas, mas ainda têm o mesmo objetivo: ministrar às pessoas em todas as dimensões de sua vida. Nesses centros, as doutrinas adventistas são “encarnadas” e promovem um ministério de serviço, ajudando as pessoas por meio da saúde, educação e outras formas de cuidado.²⁰

Portanto, os centros de influência podem ser definidos como locais de ministério múltiplo e integral, que funcionam como pontes que conectam os membros da igreja à sua comunidade por meio de diversos serviços que atendem às principais necessidades das pessoas.²¹ Atualmente, em diferentes partes do mundo, essa estratégia tem se mostrado especialmente útil em ambientes urbanos altamente secularizados, onde as fórmulas convencionais de evangelismo não são eficazes.²²



Obra médico-missionária e missão urbana

No contexto da missão urbana, Ellen White deixou claro que a obra médico-missionária é “a cunha de entrada onde a verdade encontrará lugar permanente”²³ e “a obra pioneira do evangelho”.²⁴ Em outra ocasião, ela afirmou: “A mão direita é usada para abrir portas pelas quais o corpo pode passar. Esta é a parte que deve desempenhar a obra médico-missionária. [...] Portanto o corpo que trata com indiferença a mão direita, recusando o seu auxílio, não está em condições de fazer coisa alguma.”²⁵

Por outro lado, é importante entender o que Ellen White tinha em mente quando usou a frase “obra médico-missionária”, pois é fácil limitar esse trabalho aos profissionais de saúde. Embora eles devam desempenhar papel de liderança na promoção dessa obra, o chamado para participar dela é para toda a igreja.²⁶

Bem entendida, a obra médico-missionária inclui ampla variedade de serviços, desde a prática da medicina e das demais áreas da saúde, incluindo o ensino dos princípios saudáveis, até alimentar os famintos, vestir os nus e socorrer pessoas vulneráveis.²⁷ Resumindo, qualquer trabalho que contribua para aliviar o sofrimento humano.²⁸

Assim, a prática e o ensino das leis de saúde deveriam fazer parte do estilo de vida de todo discípulo de Cristo que aguarda Sua segunda vinda.²⁹ À semelhança de Daniel e seus amigos na Babilônia (Dn 1), a mensagem do viver saudável deveria se tornar um catalisador para a missão escatológica do povo de Deus.

Conclusão

As informações encontradas na Bíblia e nos escritos de Ellen White sugerem que a evangelização de grandes centros urbanos desempenha papel estratégico no plano de Deus para alcançar o mundo com o evangelho. O profeta Isaías, no Antigo Testamento, e o apóstolo Paulo no Novo Testamento captaram bem essa visão.

Por sua vez, Ellen White enfatizou, especialmente na última parte de seu ministério, a importância de os adventistas empreenderem um trabalho evangelístico intensivo em grandes centros urbanos.³⁰ Suas diretrizes não se limitavam a dizer o que fazer, mas incluíam uma série de orientações sobre como fazer. Essas instruções incluem a criação de centros de influência e o papel prioritário que a obra médico-missionária deve desempenhar.

A crise de saúde da Covid-19 é uma grande oportunidade para os adventistas colocarem em prática essas estratégias divinas, pessoal e comunitariamente, em seu modo de vida e missão, com a certeza de que, se obedermos, Deus cuidará dos resultados. **M**

Referências

¹ Estevan F. Kirschner, “Da Babilônia à Nova Jerusalém” em *Missão Urbana: Servindo a Cristo na Cidade* (São Paulo: Mundo Cristão, 2020), p. 17.

² Banco Mundial, “Desarrollo Urbano”. Disponível em <bit.ly/3teFKfC>, acesso 28/2/2021.

³ OMS, *El Poder de las Ciudades*. Disponível em <bit.ly/3t9brag>, acesso em 28/2/2021.

⁴ Rodney Stark, *Cities of God: The Real Story of How Christianity Became an Urban Movement and Conquered Rome* (Nova York, NY: Harper Collins, 2006), p. 2.

⁵ James D. G. Dunn, *Comenzando Desde Jerusalén* (Navarra: Verbo Divino, 2012), v. 1, p. 628, 629; N. T. Wright, “What is Missional Hermeneutics?”, em Scot McKnight e Joseph B. Modica (eds.), *The Apostle Paul and the Christian Life* (Grand Rapids, MI: Baker, 2016), p. 185.

⁶ J. Alec Motyer, *Isaiah* (Downer Grove, IL: IVP Academic, 1998), p. 159.

⁷ David Bosch, *Misión en Transformación* (Grand Rapids, MI: Desafío, 2000), p. 166, 167; John Phillips, *Exploring Romans: An Expository Commentary* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2002), p. 253.

⁸ Ver notas introdutórias do Livro de Jonas na *Bíblia de Estudo Andrews* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 1156, 1157.

⁹ Rosemary Nixon, “The Message of Jonah: Presence in the Storm” em *The Bible Speaks Today*, J. A. Motyer, John Stott e Derek Tidball (eds.) (Downer Grove, IL: IVP, 2003), p. 7.

¹⁰ Nixon, “The Message of Jonah”, p. 58.

¹¹ A. LaCocque e P. E. LaCocque, *Jonah: A Psycho-Religious Approach to the Prophet* (Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1990), p. 73.

¹² Jacques Ellul, *The Meaning of the City* (Eugene, OR: Wipf and Publishers, 2011).

¹³ Gotfried Oosterwal, “How Shall We Work the Cities – From Within?”, *Ministry*, junho de 1980, p. 19.

¹⁴ D. J. B. Trim, “In These Cities Are Jewels: Lessons from Adventist City Missions – 1880-1915”, *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 15, n. 19, 2019, p. 87, 88.

¹⁵ Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 277.

¹⁶ Allan Novaes e Wendel Lima, “Country Versus City Tension: Historical and Socio-religious Context of the Development of Adventist Understanding of Urban Mission”, *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 15, n. 1, 2019, p. 59-76.

¹⁷ R. Clifford Jones, “Evangelismo urbano”, em *Enciclopédia Ellen G. White*, Denis Fortin e Jerry Moon (eds.) (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 904, 905.

¹⁸ George R. Knight, “Cidades, Vida nas”, em *Enciclopédia Ellen G. White*, Denis Fortin e Jerry Moon (eds.) (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 755, 757.

¹⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 7, p. 115.

²⁰ Gary Krause, “Seeking the Shalom: Wholistic Adventist Urban Mission and Centers of Influence”, *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 10, n. 2, 2014, p. 58.

²¹ José Sánchez Hurtado, “El Concepto de Centros de Influencia en los Escritos de Ellen White” (dissertação de mestrado, Universidade Peruana Unión, 2018), p. 51, 52.

²² Ver exemplos de centros de influência em <bit.ly/3vEZKda>, <bit.ly/2PL72fx>, <bit.ly/3eTKstY>.

²³ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 568.

²⁴ White, *Evangelismo*, p. 513.

²⁵ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 122, 123.

²⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 6, p. 289; *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), v. 7, p. 62.

²⁷ P. G. Damsteegt, “Obra médico-missionária”, em *Enciclopédia Ellen G. White*, Denis Fortin e Jerry Moon (eds.) (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 1121-1123.

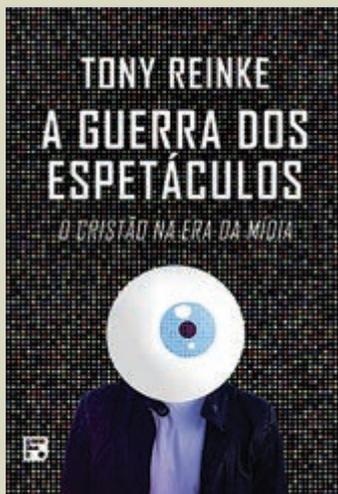
²⁸ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 348.

²⁹ Walter Alaña, *Manual de Discipulado Adventista* (Chillán: UnACh, 2013), p. 137-142.

³⁰ White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 37.

WALTER ALAÑA
diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Peruana Unión



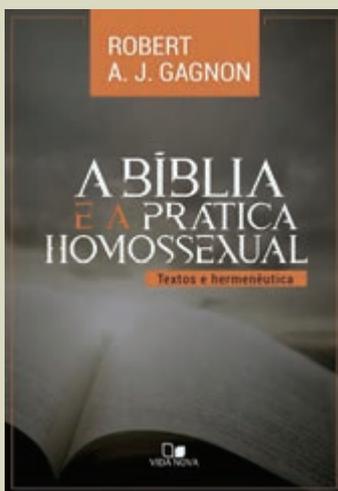


A Guerra dos Espetáculos

Tony Reinke, Fiel, 2020, 192 p.

Todos nós somos cativados por espetáculos. Um evento esportivo, um concerto, os produtos da estação, nossas redes sociais ou a temporada de uma série em determinada plataforma de *streaming*. Com tantas imagens ao nosso redor, nos encontramos em meio a uma guerra, uma guerra por nossa atenção. Tony Reinke a chama de *A Guerra dos Espetáculos*.

Contudo, por trás da era do espetáculo está a era do consumo. Alimentados por uma dieta repleta de doces, guloseimas de sensações e de impressão cultural, adquirimos novos apetites pelo mundo visível, ao mesmo tempo em que perdemos o gosto pelo invisível. Assim, imagens almejam provocar algo em nós, a fim de receberem algo de nós. Novas imagens requerem todo tipo de coisas. Neste livro, o autor aborda os diferentes espetáculos aos quais estamos expostos diariamente, orientando-nos a como direcionar nossa atenção ao Espetáculo Supremo.



A Bíblia e a Prática Homossexual

Robert Gagnon, Vida Nova, 2021, 544 p.

Com argumentos incisivos e bem articulados, Robert Gagnon demonstra que a Bíblia é unânime em definir a relação homossexual como pecado. Ao mesmo tempo, o autor estabelece um diálogo rigoroso com estudiosos da Bíblia e historiadores que se posicionam contra ou a favor desse entendimento.

Gagnon também demonstra sistematicamente por que as tentativas de classificar a posição conservadora cristã em relação à homossexualidade como inaplicável aos dias de hoje não fazem justiça aos textos bíblicos. Suas conclusões são claras e compassivas, pois adverte os leitores de todos os lados do debate contra um evangelho mutilado, desafiando-nos a uma visão integral do mandamento de amar a Deus e ao próximo.



Tornando-se um Pastor Teólogo

Todd Wilson e Gerald Hiestand (orgs.), Ultimato, 2020, 240 p.

Durante séculos, os papéis de “pastor” e “teólogo” estiveram entrelaçados. Havia clareza sobre quem é o pastor e o que ele faz. No entanto, nas últimas décadas, esses dois papéis seguiram caminhos separados.

Tornando-se um Pastor Teólogo aponta exemplos históricos, bem como as dimensões bíblica e pública do chamado e da vocação pastoral. Uma seleção de textos e autores notáveis apresenta o papel essencial das Escrituras no ministério do pastor teólogo para a igreja dos nossos dias.

A relevância da beneficência social

João Luiz Marcon e Diogo Florêncio Sansalone – *Teologia em Revista*, v. 1, n. 1, 2021, p. 52-68
(<https://teologia.emnuvens.com.br/teologia/issue/archive>)

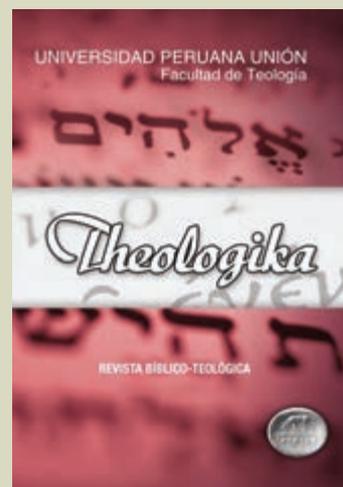
A beneficência social, por vezes, é negligenciada pelos cristãos no âmbito coletivo e individual. A história mostra que dois extremos foram praticados em relação a esse assunto, e nenhum deles representou a mensagem bíblica para esse tema. A partir de uma resenha histórica, esse artigo busca apontar quais foram os dois extremos, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu sua abordagem e qual é a relevância da beneficência social para o estilo de vida cristão, à luz de Isaías 58:6 e 7.



La influencia de las presuposiciones ontológicas en la doctrina del juicio final

Miguel Patiño Hernández – *Theologika*, v. 35, n. 2, p. 124-143
(<https://doi.org/10.17162/rt.v35i2.1445>)

O conceito de um juízo final que inclui crentes e descrentes tem sido parte integrante do pensamento cristão desde seu início. No entanto, há um amplo espectro de posições em relação à natureza do julgamento (tempo e lugar), seus participantes e seu propósito. As exposições doutrinárias sobre o fim do mundo muitas vezes têm sido baseadas na interpretação de pressuposições ontológicas enraizadas no âmbito filosófico. Esse artigo visa traçar historicamente os fundamentos e pressupostos filosóficos da doutrina do juízo em pensadores representativos ao longo da história. O artigo mostra como as pressuposições ontológicas de Parmênides e Platão influenciaram as expressões doutrinárias do julgamento, e como o adventismo se afasta dessa tendência ao assumir uma interpretação bíblica dessas pressuposições.



Sábado: Peso ou libertação à luz de Números 15:32 a 36?

Mauro Rogério da Silva Padilha e Ezinaldo Ubirajara Pereira – *Luzeiros*, v. 2, n. 2, p. 145-156
(<http://luzeiros.faama.edu.br/index.php/revistaluzeiros/article/view/29/25>)

Esse artigo apresenta uma revisão da literatura que aborda o relato de Números 15:32 a 36, que narra a atitude divina em relação a um transgressor do sábado no deserto do Sinai. Com base na análise de diferentes autores, a pesquisa busca compreender melhor o caráter de Deus e a relação entre Sua misericórdia e justiça, bem como a aplicabilidade do quarto mandamento nos dias atuais.



Você pode aprender mais!

Aprimore seus conhecimentos sobre a criação e o dilúvio.

LANÇAMENTOS

MKT CPB | AdobeStock



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

WhatsApp



/cpbeditora

Baixe o
aplicativo
CPB



CUIDE DO REBANHO

Em Ezequiel 34, o Senhor adverte solenemente os líderes espirituais de Seu povo: “Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos! Será que os pastores não deveriam apascentar as ovelhas? Vocês comem a gordura, vestem-se da lã e matam as melhores ovelhas para comer, mas não apascentam o rebanho. Vocês não fortaleceram as fracas, não curaram as doentes, não enfaixaram as quebradas, não trouxeram de volta as desgarradas e não buscaram as perdidas, mas dominam sobre elas com força e tirania. Assim, elas se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todos os animais selvagens” (v. 2-5).

A situação refletida nessa passagem bíblica é desesperadora. O problema não era a falta de pastor para as ovelhas, mas o fato de que eles não cumpriam fielmente seu dever e abandonavam o rebanho do Senhor. A atenção deles estava mais focada em si mesmos e em sua própria segurança e bem-estar do que nas ovelhas.

Nesses versos bíblicos há uma mensagem importante para nós, pastores, nos tempos atuais. É fácil cair na rotina de um ministério pastoral mediano, cumprindo apenas as tarefas obrigatórias para manter o cargo ou a função. Em grande medida, essa atitude implica negligenciar as ovelhas fracas, enfermas, feridas e perdidas. Observe que isso inclui tanto os membros batizados quanto aqueles que, por alguma razão, afastaram-se da igreja. Além disso, inclui também aqueles que ainda não conhecem o Senhor.

Para piorar as coisas, essa pandemia também afetou o rebanho do Senhor. Diariamente, ouvimos relatos de irmãos e amigos que estão sofrendo em meio à crise econômica, doença, dor e desespero. Muitos estão enlutados pela perda de familiares e amigos. Hoje, mais do que nunca, são necessários verdadeiros pastores. Pastores que sigam o exemplo do Supremo Pastor, que prometeu: “Eu mesmo apascentarei as Minhas ovelhas e as farei repousar, diz

O Senhor precisa de verdadeiros pastores que não abandonam seu rebanho, sejam quais forem as circunstâncias.

o Senhor Deus. Buscarei as perdidas, trarei de volta as desgarradas, enfaixarei as quebradas e curarei as doentes” (Ez 34:15, 16).

As crises que enfrentamos são tão avassaladoras que, muitas vezes, não sabemos como agir ou como ajudar as pessoas, e acabamos nos afastando delas. Afinal, o que poderíamos dizer a uma pessoa enlutada pela morte de um ente querido? Como responder a alguém que se sente abandonado por Deus diante dos problemas e das perdas?

Com certeza, nos últimos meses, todos nós acompanhamos, com muita frequência, situações adversas. Como pastor, tenho percebido que o mais importante é estar junto do rebanho. Nem sempre precisamos ter respostas para perguntas difíceis. Na maioria das vezes, nossa presença é suficiente. Uma visita (seguindo os protocolos), uma ligação telefônica dedicada a ouvir a pessoa ferida, uma mensagem virtual simples que transmita compaixão e afeto, atender às necessidades imediatas e urgentes, tudo isso pode fazer a diferença. O acompanhamento sincero na dor fala mais alto do que os discursos apologéticos mais eloquentes. Com o tempo, se perseverarmos na fé, das cinzas do fogo da aflição, Deus fará em nós um reavivamento espiritual para a vida eterna por meio de Cristo.

Mas para que isso seja uma realidade, o Senhor precisa de servos fiéis: verdadeiros pastores, que não abandonam seu rebanho, sejam quais forem as circunstâncias. Pastores que amem suas ovelhas e tenham disposição, à semelhança de Cristo (Jo 10:11), de dar a vida por elas. Assim, não permita que, sendo um “pastor”, suas ovelhas fiquem sem pastor. **M**



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

JÁ CONHECE NOSSO CARTÃO PRESENTE?

COMPROU, CARREGOU, PRESENTEOU!



SURPREENDA QUEM VOCÊ AMA



Saiba mais

AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

BAHIA CACHOEIRA

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

BAHIA SALVADOR

NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

CEARÁ FORTALEZA

CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ BELÉM

MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

PARANÁ CURITIBA

CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375
(21) 96554-0007

RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO
Tv. Lourenço Rondonelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

SÃO PAULO SÃO PAULO

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

SÃO PAULO TATUI

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:

Superbem

NOVO TEMPO
CANAL DA ESPERANÇA

